



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

ROMÁRIO LEITE DE SOUSA

APRENDER A CONVIVER ATRAVÉS DA PRÁTICA DO KORFEBOL

JOÃO PESSOA/PB

2011

ROMÁRIO LEITE DE SOUSA

APRENDER A CONVIVER ATRAVÉS DA PRÁTICA DO KORFEBOL

Trabalho de conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Educação Física da Universidade Federal da Paraíba, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciatura Plena em Educação Física.

Orientador: Prof°. Dr° PIERRE NORMANDO GOMES DA SILVA

JOÃO PESSOA/PB

2011

S725a Sousa, Romário Leite de.

Aprender a conviver através da prática do korfebo / Romário Leite de Sousa. –
João Pessoa, [s.n.], 2012.
64 f., il.

Orientador: Pierre Normando Gomes da Silva.
Monografia (Graduação) – UFPB/CCS.

1. Convivência - Alunos. 2. Korfebo. 3. Escola.

BS/CCS/UFPB

CDU: 796 (043.2)

ROMÁRIO LEITE DE SOUSA

APRENDER A CONVIVER ATRAVÉS DA PRÁTICA DO KORFEBOL

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Educação Física do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, como exigência parcial à obtenção do título de Licenciado Pleno em Educação Física.

Data de defesa: _____ de _____ de _____

Resultado: _____

Banca Examinadora

Pierre Normando Gomes da Silva Prof. Dr°. _____

UFPB/CCS/DEF

Sandra Barbosa da Costa Prof. Ms. _____

UFPB/CCS/DEF

Nome Membro da banca Prof. Ms. _____

UFPB/CCS/DEF

*A Deus que me deu capacidade e força para
concluir essa etapa em minha vida com bastante satisfação e prazer.*

Dedico

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus por ter me dado força para seguir nos momentos difíceis, coragem para enfrentar os desafios e perseverança para chegar até aqui;

Agradeço também a minha família que sempre me deu força para continuar frente, especialmente a meu irmão Rylsen por ter me ajudado na construção do meu projeto;

Ao querido Profº Dr. Pierre Normando Gomes da Silva que com sua dedicação e paciência sempre me apoiou e acreditou em mim;

Agradeço ao professor Marcelo Soares representando oficial do Korfebol no Brasil pela ajuda e incentivo;

Sou grato também a Universidade Federal da Paraíba e todos os professores que fazem o curso de Educação Física;

Agradeço também a meus amigos de curso que nesses quatro anos estiverem sempre juntos de mim, e a todos os alunos da Escola Estadual Professora Antônia Rangel de Farias que participaram da pesquisa;

Meus sinceros agradecimentos a todos.

RESUMO

Este estudo teve como objetivo analisar através da prática do korfebol a melhoria na convivência de alunos de uma escola da rede estadual situada em João Pessoa-PB. Investigando assim a importância desse esporte como papel de integração nas aulas de educação física. Participaram da pesquisa 60 alunos de ambos os gêneros com idade compreendida entre 12 e 17 anos, como também 08 professores da escola. Os instrumentos utilizados foram quatro questionários com questões fechadas e abertas, aplicados com alunos e professores. Dois realizados antes da prática do esporte e outros dois após a vivência com o korfebol. Os dados foram coletados no segundo semestre de 2011. A análise dos dados foi feita de acordo com categorias criadas para cada questionário (opinião, disposição, satisfação com o jogo, comportamento e convivência pós-jogo), onde foram avaliados questionamentos referentes à atual relação de convivência dos alunos, e se houveram melhoras pós a aplicação do korfebol. Os resultados obtidos apontam uma aceitação eminente dos alunos por parte do korfebol. Sendo 78% dos entrevistados afirmando gostar da prática em conjunto com colegas de outro gênero. Segundos os professores pesquisados as situações de brigas e discussões diminuíram consideravelmente após a experiência dos alunos com a prática deste esporte, refletindo na melhoria das relações de convivência entre os alunos.

Palavras chave: Convivência. Korfebol, Escola.

ABSTRACT

This study aimed to analyze korfebol through the practice of improving student living in a state school located in João Pessoa. Investigating the importance of this sport as well as integration role in physical education classes. The participants were 60 students of both genders aged between 12 and 17 years, as well as 08 school teachers. The instruments used were four questionnaires with closed and open questions, applied with students and teachers. Two held before the practice of sports and other two after the experience with korfebol. Data were collected in the second half of 2011. Data analysis was performed according to categories created for each survey (opinion, mood, satisfaction with the game, behavior and coexistence postgame) were evaluated in questions relating to the current relationship of coexistence of the students, and if there were improvements after the application of korfebol. The results indicate an imminent acceptance of students from the korfebol. 78% of respondents claiming to like the practice in conjunction with colleagues from another genre. Seconds teachers surveyed situations fights and discussions decreased considerably after the students' experience with the sport, reflecting the improvement of good relations between students.

Keywords: Socializing. Korfebol School.

LISTA DE FIGURAS

- FIGURA 1** - Categoria Opinião dos alunos..... Pág.26
- FIGURA 2** - Categoria Disposição dos alunos – Anteriores..... Pág.30
- FIGURA 3** - Satisfação dos alunos..... Pág.32
- FIGURA 4** - Satisfação dos alunos..... Pág.35
- FIGURA 5** - Comportamental – Por professores- Anteriores..... Pág.38
- FIGURA 6** - Categoria comportamental – Anteriores por professores..... Pág.41
- FIGURA 7** - Convivência – Posteriores por professores..... Pág.44

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. REVISÃO DE LITERATURA	11
2.1 KORFEBOL ORIGEM E EVOLUÇÃO.....	11
2.2 CARACTERIZANDO A CONVIVÊNCIA	13
2.3 APRENDER A CONVIVER E A PRÁTICA DO KORFEBOL.....	17
2.4 ESTÁGIO SUPERVISONADO EM EDUCAÇÃO FÍSICA	21
3. MATERIAIS E MÉTODOS	23
3.1. TIPO DE PESQUISA.....	23
3.2 SUJEITOS DE PESQUISA.....	24
3.3 INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS	24
4. RESULTADOS E DISCUSSÃO	26
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	47
REFERÊNCIA.....	49
APÊNDICES.....	54
ANEXO.....	65

1. INTRODUÇÃO

Os Quatro pilares da educação são conceitos de fundamento da educação baseado no relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre educação para o século XXI. O relatório destaca o aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a ser e o aprender a conviver. Um desses pilares, o aprender a conviver é um importantíssimo aprendizado, onde é valorizado aquele que aprende a viver e a compreender os outros, assim desenvolvendo a percepção de interdependência e tendo prazer no esforço comum (DELORS, 1996).

Precisamos criar formas de convivência que respeitem as diferenças e que promovam a tolerância. Neste cenário que surge a necessidade de se pensar numa perspectiva educativa que leve em consideração o saber conviver.

Nesta ótica o esporte holandês Korfbal é um jogo misto onde a formação das equipes é constituída por pessoas de ambos os sexos. O Jogo vem a quebrar barreiras do preconceito existentes entre homens e mulheres, não podendo em hipótese alguma a marcação entre sexos opostos e também contato físico, bloquear, agarrar ou segurar. O esporte mostra aos professores de educação física uma prática conjunta entre homens e mulheres em um mesmo espaço e em uma mesma atividade sem ter que adaptar regras, ou até mesmo excluir um dos gêneros.

Em muitas escolas, a aula de educação física valoriza a superioridade das habilidades masculinas em detrimento das femininas, excluindo tanto as meninas, como também os meninos considerados fracos ou inábeis. Nessas aulas costumam acontecer à separação por sexo, ocultando as relações de poder, marcadas pela dominação masculina, que mantiveram a separação e hierarquização entre homens e mulheres, mesmo após a criação da escola mista (Daolio, 1995).

De acordo com Oliveira (apud Daolio, 2006), pode-se dizer então que o korfebol, com suas regras, e suas s intervenções ajuda a enxergar o corpo em um processo de "dinâmica cultural", onde os alunos deixam de pensar no biológico para refletir sobre si mesmo e seus colegas através de um paradigma completamente diferente do que estavam acostumados a pensar.

Assim analisamos através da prática do korfebol a melhoria na convivência de alunos em idade escolar de uma escola da rede estadual situada em João Pessoa-PB. Buscaremos também estimar os benefícios do korfebol na convivência entre os alunos, investigando assim a importância desse esporte como papel de integração nas aulas de educação física

2. REVISÃO DE LITERATURA

2.1 Korfebol origem e evolução

O Korfebol é um esporte centenário cujo seu significado é: bola ao cesto. Foi criado na Holanda em 1902 pelo professor de Educação Física Nico Broekhuysen, inspirado em um jogo chamado Ringball, o qual o professor conheceu em um curso de verão na Suécia, e após algumas adaptações e ajustes surgiu então o Korfebol.

Nesse período, a associação de Educação Física de Amsterdã estava buscando um jogo que pudesse ser praticado por crianças, jovens e adultos com a participação de ambos os sexos, tendo em vista que naquela época não era comum na sociedade a participação de mulheres em práticas esportivas, muito menos em conjunto com homens. O korfebol teve uma boa aceitação e começou a expandir-se e a popularizar-se logo após a sua apresentação, e em 1903 foi criada a Associação Holandesa de Korfebol.

Em 1920 o esporte foi apresentado como modalidade demonstrativa nos Jogos Olímpicos de Antuérpia na Bélgica, dando origem a criação da Associação Belga de Korfebol. Entre 1921 e 1928 foi criada na Holanda a Agência Internacional de Korfebol, que anos depois se tornaria a atual "*Federation Internationale de Korfebol*"- IKF, órgão máximo do esporte. Após a segunda guerra mundial, teve início o período de divulgação desse esporte a nível mundial, passando por Grã Bretanha, Alemanha, Dinamarca, Espanha, Estados Unidos, Austrália, entre outros países e até nos dias atuais vem aumentando o número de nações que estão se filiando a Federação Internacional de Korfebol.

O primeiro campeonato mundial do esporte foi realizado em 1978 na Holanda com a presença de oito países, sagrando a seleção holandesa campeã. Atualmente 200 mil pessoas praticam o Korfebol em mais de 40 países, e o esporte é reconhecido pelo COI (Comitê Olímpico Internacional). (KORFEBOL, 2009a [online]). O korfebol foi reconhecido pelo Comitê Olímpico Internacional em 1995, pelo então presidente José Antonio Maria Samaranchi, e participa dos jogos mundiais promovidos pela International Word Games Association, entidade responsável por organizar a competição para esportes não olímpicos.

No Brasil o Korfebol teve início na década de 1980, com um grupo de professores da Universidade Gama Filho, que viajaram para a Holanda e lá

conheceram o esporte. Encantados com a popularidade do esporte, e com a participação de mulheres e homens em uma mesma equipe, tendo igualdade de condições, e a semelhança do Korfebol com o basquete, resolveram divulgar o esporte no Brasil. Infelizmente o trabalho de divulgação não foi levado adiante por esse grupo de professores por falta de apoio e patrocínio principalmente.

O esporte veio ressurgir no Brasil em 1998 com o professor de Educação Física Marcelo Soares, na época estudante de Educação Física na Universidade Castelo Branco do Rio de Janeiro, que conheceu a modalidade esportiva como um jogo recreativo em suas aulas. No mesmo ano Marcelo Soares introduziu o esporte na comunidade Fernão Cardin, em Pilares, conseguindo em curto prazo colocar o Korfebol em segundo lugar na preferência dos alunos participantes do Projeto Favela Bairro – Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro. Como a modalidade foi bem aceita pelos seus praticantes, o korfebol foi seu tema de monografia na conclusão do curso de Educação Física. Nessa mesma época o professor Cláudio Ferreira de Oliveira, colega de turma, começou a trabalhar diretamente com o korfebol na divulgação da modalidade, e a partir daí recomeça a história do korfebol no Brasil, e desde então a modalidade vem crescendo a cada dia no país. (KORFEBOL, 2009b [on line]).

Em 1999 o professor Marcelo Soares contata a *IKF*, e assim o professor torna-se o representante oficial do Korfebol no Brasil. Foi realizado um jogo de exibição em 22 de outubro (Dia do Korfebol no Brasil) do mesmo ano e posteriormente foi formada a seleção brasileira do esporte. Dois anos depois os professores Nuno Ferro e Jorge Ramos, ambos vindos de Portugal promovem um curso sobre a modalidade para os alunos da Universidade Castelo Branco, nesse mesmo ano o professor Marcelo torna-se também arbitro oficial do esporte.

Em 08 de novembro de 2003, no congresso anual de Korfebol em Amsterdã, o Brasil é oficialmente reconhecido como quadragésimo primeiro país a praticar Korfebol, entrando na lista do Comitê Olímpico Internacional, podendo assim participar dos torneios realizados pela IFK e pelo COI. Nessa mesma ocasião o professor Marcelo Soares recebeu a carta oficial para trabalhar e divulgar o esporte em toda América Latina.

2.2 Caracterizando a Convivência

Conviver é viver junto, não apenas estando perto, estando ao lado de alguém, mas compartilhando algo da vida, realizando alguma coisa junto com alguém. É como deviam viver as pessoas, porque, em tudo que se observa num homem ou numa mulher, a conclusão que se tira é que não se bastam sozinhos, são insuficientes, não nasceram para viver isolados. Se não se juntarem, as pessoas, umas com as outras, os recursos que dispõem não dão conta da tarefa de viver. Sem o outro não somos nós (FREIRE, 2002).

Conviver significa incluir, sem discriminações. Para incluir, entretanto é preciso ser diferente, é preciso construir um espaço onde as pessoas, exatamente por firmarem suas diferenças, têm o que trocar. Procuramos no outro exatamente aquilo que nos falta. E só os diferentes podem ter aquilo que não temos, por isso, podemos conviver (FREIRE, 2002).

Como diz Bubber (1979), o homem é um ser de relação. Não se pode conceber o ser humano sem conviver com outros. Logo está no “outro” a origem de toda experiência humana. Há uma condição existencial de “ser-no-mundo” que nos impõe conviver com o “outro”.

Aprender a conviver com os outros representa um dos grandes desafios da educação atual. O Progresso da humanidade trouxe junto da modernização, a violência que se opõe á esperança. A história humana sempre foi conflituosa, mas há elementos novos que acentuam o problema e, especialmente, o extraordinário potencial de autodestruição criado pela humanidade no decorrer do século XX.

Vivemos num tempo cheio de conflitos. Violência, impaciência de um para com o outro e para consigo mesmo. Desenlaces afetivos e incapacidade de conviver com o diferente [...] (GOMES DA SILVA, 2003). Aprender a conviver com iguais é fácil, mas com diferentes é um desafio [...]. Isto nos sinaliza que o desafio atual é aprender a conviver. Mas como conviver com pessoas que pensam diferentes, sentem diferentes, crêem diferentes, agem diferentes e são corporalmente diferentes? Certamente, não foi por acaso que a UNESCO elegeu o aprender a conviver como um dos quatro pilares da educação para o século XXI (DELORS, 2001).

Os sujeitos trazem tatuados nos corpos marcas das normas, regras e valores de uma dada sociedade como expressão da cultura (Daolio, 1995). Isso

significa que a formação humana constitui-se a partir dos costumes, condutas, ações e atitudes, embasadas em valores, mediante experiências e aprendizagens que se desenvolvem no cenário das relações familiares, sociais e midiáticas (Goergen, 2007; Souza, 2005).

Segundo Estevão (2008):

A moral está associada à apropriação de valores humanos e às relações de convivência que nutrem a construção do juízo moral. Destacar a importância de discussões em torno da moralidade no mundo contemporâneo significa considerar o acentuado individualismo, consumismo e competitividade entre as pessoas que esse cenário atual provoca, de modo que dificulta a instauração do bem comum, da solidariedade e da justiça social como foco das preocupações políticas e sociais (ESTEVÃO, 2008, p.42).

A convivência pressupõe o campo de relações. Freud no seu texto de 1930, *Mal-estar na Civilização*, obra por demais atual, aponta o que considera como sendo as três fontes de sofrimento do homem e, dentre elas, indica a ameaça proveniente de nossas relações com os outros homens. O Sofrimento, diz ele “ que provém dessa última fonte talvez nos seja mais penoso do que qualquer outro”(FRED, 1988, p.95). Assim a “coexistência harmoniosa” é basicamente inexistente. Aceitar os limites, as diferenças constituem aspectos difíceis de serem aceitos ou digeridos em cada segmento ou em particular, em cada um.

Questionamo-nos muitas vezes se podemos através da educação conceber uma mudança nesse atual cenário das relações da sociedade mundial. Se através dela podemos evitar conflitos ou resolvê-los de maneira pacífica, desenvolvendo o conhecimento dos outros, das suas culturas, como também da sua espiritualidade.

Diante desta insensibilidade de convivência, chamamos a escola e a família para assumir seu papel educativo e (trans) formador. (Caminha; Gomes da Silva, 2007, p. 21). A educação tem uma tarefa sobremodo excelente, nesse contexto, ensinar a convivialidade humana: educar para aprender a conviver nas diferenças, investir nas predisposições á solidariedade, reforçar a ternura, na perspectiva de dar consistência ao sonho de felicidade individual e coletiva.

Segundo Montenegro (2005):

Compreendemos que a escola deve passar por um processo constante de auto reflexão e, assim, visualizar práticas educativas que contribuam na transformação do comportamento humano, valorizando a autonomia, a convivência compartilhada e o respeito para com os semelhantes. Desse modo, percebemos a escola como um espaço que pode contribuir para a reflexão e vivência de novas formas de justiça, conduzindo as crianças a uma educação permeada por princípios morais, pautada em um paradigma teórico do desenvolvimento moral e em uma revisão crítica dos modelos comumente utilizados na educação moral (MONTENEGRO, 2005, 22).

No que se refere à escola como espaço de convivência, afirma Caminha (2007):

Nosso desafio é fazer da escola um lugar de convivência capaz de integrar as regras de condutas da sociedade com a realização de projetos de vida. Nosso interesse é considerar, no cenário da escola, os processos emocionais determinantes na aquisição de normas sociais. Sabemos que a escola valoriza essencialmente processos de natureza intelectual. A escola é o lugar da instrução por excelência. Lá aprendemos, sobretudo, a nossa língua pátria e os saberes científicos produzidos culturalmente. Aprendemos manifestações da cultura do corpo e da cultura artística. Todavia a escola é um espaço de convivência (CAMINHA, 2007, p. 54).

A escola é antes de tudo um lugar de relacionamentos, ou seja, de intersubjetividade. Reconhecemos que a escola institui um modo de convivência pautado em normas e disciplina. “Na escola, os alunos deixam de pertencer exclusivamente as suas famílias para se integrarem numa comunidade cujo vínculo é determinado pela obrigação de viver em comum e não por interesses pessoais” (CANIVEZ, 1991, p. 36).

É neste contexto que Freud (1976) chama atenção para uma “herança emocional” que determina a nossa condição de viver em grupo. Todos os nossos relacionamentos vivenciados do universo da escola são marcados por um legado emocional. Defrontarmos- nos, cotidianamente, com situações de simpatia e antipatia fundadas em nossa herança emocional.

Em nossa convivência na escola estamos de certa forma, retomando o modo como vivenciamos nossos primeiros laços parentais. “Essa noção de herança emocional pode ser muito preciosa para nós educadores buscarmos compreender a trama familiar que se esconde por trás dos comportamentos adotados pelos nossos alunos” (CAMINHA, 2007, p.37).

Considerar a escola como espaço pertinente às relações de convivência implica em aperfeiçoar as relações humanas em prol da construção coletiva da vida em sociedade, sendo, assim, imprescindível saber conviver, acolher o outro enquanto outro, considerando-o como semelhante e, ao mesmo tempo, diferente. Rossetto (2008), em estudo sobre o pensamento de Maturana, destaca o quanto este biólogo enfatiza a importância não só de aspectos biológicos, mas também dos aspectos sociais e culturais para se pensar as relações de convivência entre os seres humanos. Para ele, a educação constitui-se em um processo de transformação pela convivência com o outro e consigo mesmo, contemplando um espaço de aceitação recíproca, em que haja o respeito e a compreensão entre os sujeitos.

A escola, ao constituir-se em uma das principais instituições responsáveis pela formação dos indivíduos, revela-se como um espaço por excelência em que o sujeito deve ter possibilidades de vivenciar, intencionalmente e sistematicamente, formas construtivas de interação social, adquirindo saberes éticos que lhe propiciem condições para o exercício da cidadania.

O educar constitui-se na integração de um indivíduo com o outro, de forma que, ao conviver com o outro, haja uma transformação espontânea; o modo de viver se faz progressivamente mais congruente com o do outro no espaço de convivência (ROSSETO, 2008). Nesse sentido, não cabe mais à escola pensar o ato educativo como mera transmissão de conteúdos acadêmicos, renegando os saberes oriundos da convivência entre os sujeitos.

Com todo o despreparo que podemos constatar, temos que reconhecer que a escola não é apenas um lugar para se aprender a condição social de sermos submissos as leis, mas um espaço de formação de caráter, de personalidade. “ Saber conviver exige a aquisição de valores universais como respeito mútuo, diálogo, justiça, solidariedade, tolerância, hospitalidade. Todavia, esses valores não devem ser ensinados como algo abstrato e distante do cotidiano dos alunos “(CAMINHA, 2007, p.39).

Muito mais que aprender valores, precisamos desejá-los. É preciso doar um sentido aos valores de convivência como princípios-guia para as nossas inter-relações sociais. Esses valores precisam ser objetos de desejos, indispensáveis para preservar aquilo que temos de mais precioso nas relações humanas:

considerar o outro semelhante e, ao mesmo tempo, diferente. Aprender a acolher o outro enquanto outro é imprescindível para, efetivamente, sabermos conviver.

2.3 Aprender a Conviver e a Prática do Korfebol

Nas escolas percebe-se o aumento da violência e da agressividade entre os alunos; a exclusão entre os colegas nas aulas de educação física é algo preocupante, e cada vez mais este quadro piora, porque nada tem sido feito. Os professores tentam diminuir esta problemática em suas aulas, mas nem todos conseguem. Sendo o professor o responsável pelos alunos no meio escolar ele deve buscar uma didática que faça o aluno interagir bem com os colegas.

Para Vinicius Ricardo Cavallari e Vany Zacharias (2004, p. 65), “ as brincadeiras já não atraem mais os alunos, dando vez aos grandes jogos”. Sendo assim fundamental apresentar um conteúdo sedutor, atraente, e alternativas para a expressão sublimada da agressividade (como as atividades artísticas, lúdicas e esportivas)

Segundo Dorneles (2006):

A Primeira vista, uma aula de educação física para uma turma heterogênea relacionada principalmente a desporto, seria de meninas para um lado e meninos para o outro! Talvez, num primeiro momento, pareça apenas uma forma de organização de uma aula na escola ou ainda uma forma de distribuição de alunos e alunas. Contudo, acredito que essa separação possa ser um 'ponto' de conflito entre os gêneros, o corpo e tantos outros saberes que constituem a educação física escolar(DORNELES, 2006, p. 10)

Apresentamos assim o Korfebol. O Esporte tem regras e metodologia próprias, onde prezam pela integração de todos os alunos, não discriminando nem excluindo ninguém durante o jogo. Ele possui regras diferenciadas, tais como: os meninos e as meninas participam do mesmo time. Partindo disso, ele pode ser uma estratégia importante para ajudar o professor a socializar os alunos, trabalhando assim a convivialidade.

As regras do jogo segundo a International Korffbal Federation são:

Dimensões da quadra de 40 x 20 m. Divididos em duas zonas iguais por uma linha paralela á linha de fundo. O local deve ter preferencialmente 9 m de altura e no mínimo 7 m. Toda a quadra deve ser marcada por linhas bem visíveis com largura entre 3 e 5 cm. Os postes são colocados em uma das zonas no eixo longitudinal da quadra, a uma distância da linha final igual a 1/6 da distância total do campo. Os postes são circulares com diâmetro entre 4,5 e 8 cm dependendo do tipo de material que for construído. São fixados perpendicularmente no terreno do jogo. Os cestos são fixados um em cada poste, estando orientado no sentido do centro do campo e sua borda superior deve estar situada em toda sua periferia a 3,50 m do nível do solo.

Os cestos são cilíndricos sem fundo; têm 25 cm de altura e um diâmetro interior de 39 a 41 cm. A borda superior do cesto tem uma largura de 2 - 3 cm. Os cestos são feitos de verga ou vime; devem ser de uma cor só e devem ser similares.

O método de fixar os cestos ao poste deve satisfazer as condições seguintes:

- Nenhum movimento do cesto em relação ao poste é permitido;
- O poste não pode prolongar-se acima do cesto;
- Nenhuma peça de fixação pode exceder 1 cm para dentro ou para fora do cesto;
- O suporte metálico por baixo do cesto (no caso de existir) não deve exceder mais que 1/4 de circunferência do cesto e mais perto do poste; os fixadores metálicos laterais não são permitidos acima de 1/3 da circunferência total.

O korfebol é jogado com uma bola redonda cuja cobertura exterior é feita em couro ou outro material aprovado. A bola deve ter duas cores. Nenhum material deve ser usado na sua fabricação que possa ser perigoso para os jogadores. A sua circunferência é de 68 - 71 cm, deve ser bem insuflada (dura). A bola não deve pesar menos de 425 g e não mais de 475 g.

Os desafios são disputados por duas equipes, cada uma consistindo de 4 jogadores do sexo feminino e 4 jogadores do sexo masculino, dos quais 2 homens e 2 mulheres são colocados em cada uma das zonas. Quando uma ou ambas das equipes estão incompletas, os desafios só podem começar ou continuar, se em cada zona não houver menos de 3 jogadores de cada lado e se não houver oposição por parte de 1 mulher e 2 homens contra 2 mulheres e 1 homem da outra equipe. O jogo tem a duração de 2 x 30 minutos com 10 minutos de intervalo.

Uma equipe marca um ponto quando a bola entra, completamente, de cima para baixo, no cesto que está posicionado na zona de ataque daquela equipe. Um ponto, deve ser considerado mesmo quando o árbitro apitou previamente uma infração cometida por um defensor, desde que a bola tenha saído das mãos do atacante no momento em que o árbitro apita e estava fora do alcance de qualquer defensor. Vence a equipe que marcar mais pontos durante a partida.

Durante a partida de korfebol existe a mudança de zona e troca de meio campo que é sempre que dois pontos são marcados os jogadores mudam de zona. No intervalo verifica-se uma troca de meio campo. Os jogadores deslocam-se para a outra zona.

Durante o jogo é proibido tocar a bola com a perna ou pé, correr com a bola, defender um jogador do sexo oposto no ato de passar ou lançar ao cesto, defender um jogador que já está defendido por outro jogador, jogar fora da sua zona, lançar de uma posição defendida.

O korfebol tem como filosofia integrar ambos os sexos na mesma equipe, coletividade, cooperação e integração. Nesse esporte todos são bem vindos, alunos de qualquer idade, sexo, altura e peso podem jogar sem diferenciação e exclusão. Utilizaremos do korfebol para melhorar as relações de convivência dos alunos em idade escolar, por entendermos que o jogo é educativo em si mesmo (Gomes da Silva, 2003).

Sobre a dificuldade dos professores de Educação Física em incluir ambos os sexos em uma mesma atividade Freire (1989, p.95) afirma:

“ Os principais argumentos usados para a separação por sexo nas aulas de educação física, são frágeis e referem-se á superioridade dos meninos em quase todas as capacidades físicas e habilidades motoras. Porém para o autor, só se justificaria se o objetivo exclusivo da educação física fosse o rendimento físico. Outro argumento freqüentemente utilizado ressalta que, por questões culturais as crianças já chegam ás escolas separadas por sexo. Em casa e nas ruas, meninos brincam com meninas e, portanto, poderia haver recusa de atuarem juntos na escola. E por mais que se compreenda a questão cultural envolvida no contexto social, manter essa

separação seria o mesmo que reforçar o preconceito já existente, e conformar as pessoas á sociedade, inclusive aos seus vícios.

Respeito às diferenças, trabalho em equipe, não individualização, jogo cooperativo e afetividade são situações proporcionadas aos alunos através do Korfebol. Vários são os benefícios aos alunos somente neste esporte, e no futuro pode ter grande valia. Assim o Korfebol pode ser considerado um esporte inclusivo, onde através das suas regras e possíveis intervenções poderão contribuir para a aceitação ás diferenças, onde o menino deve ter a obrigação de respeitar a menina, enquanto pessoa e gênero, para que ele e sua equipe cheguem a vitoria juntos.

No Korfebol vence quem fizer o maior número de cestas, que no esporte é de material sintético, não tem tabela e fica a 3,5 metros de altura. Cada cesta vale um ponto. Os jogadores não podem progredir quicando a bola no chão. Quando ele recebe a bola, o mesmo não pode mais correr, devendo então passar para um companheiro que esteja livre de marcação. Isso torna o Korfebol um jogo rápido e de cooperação, onde os jogadores precisam trabalhar juntos para conseguir pontuar. No jogo não existe jogador individualista que quer resolver” sozinho” a partida, trabalhando assim o espírito de cooperação entre a equipe.

Para Estevão (2008), a escola precisa ser potencializadora da convivencialidade democrática, estimulando o aluno a perceber o outro não como um rival, mas como um indivíduo com que se deve colaborar, que o ajuda a crescer e que, ao ajudar o próximo, sente-se essencialmente mais feliz. Assim o nosso desafio é fazer da escola um espaço de convivência capaz de integrar as regras de conduta em sociedade com a realização de projetos de vida.

Como educadores, precisamos estar abertos, mais porosos, mais ligados e reflexivos sobre o nosso cotidiano escolar, sobre as brincadeiras vividas pelos alunos, nos perguntando sobre o que essas brincadeiras, fora da sala de aula, estão ensinando em termos de convivência, hábitos, valores, desejos, afetos, inclinações eróticas e tendências espirituais (GOMES DA SILVA, 2007, p.83)

Freire (2002) ressalta que compartilhar é a peça chave no plano da convivência. Assim o autor recorre ao jogo coletivo. No jogo coletivo, a outra equipe não é necessariamente adversária, o adverso, mas o outro que permite que o jogo aconteça. Sem ele não haveria jogo, não haveria motivos para passar a bola.

Macedo fala de uma cultura das diferenças. Ele diz que as crianças “devem aprender em um contexto em que um mesmo professor ensina do mesmo modo, em um mesmo espaço e tempo didáticos”(MACEDO, 2005, p. 11). Quando falamos de uma cultura das diferenças, o que inclui a convivência de pessoas diferentes, com idéias e comportamentos diferentes, incluiu aí o conflito e a tolerância. Isso não quer dizer que aqueles que defendem tal convívio não suponham que os diferentes não sejam também semelhantes. Somos todos semelhantes e isso é indiscutível, na medida em que somos todos humanos.

Esse caráter misto e coletivo do Korfebol faz com que tanto os homens quanto as mulheres pensem sobre o seu papel no jogo. O Professor pode abordar esse assunto durante uma pausa proposital, e então começar uma reflexão, com a turma, sobre as regras do jogo, e como o que acontece durante o jogo pode ser levado a vida real. A partir dessa estratégia a turma é levada a uma reflexão sobre o seu papel enquanto pessoa, enquanto gênero, podendo assim reconstruir suas antigas concepções.

Pensamos na educação, especificamente a escolar, como um lugar prazeroso, ambiente de inclusão. Ou seja, onde caibam todos, com seus ritmos diferentes, peles diferentes, modos de raciocínio diferentes, crenças diferentes, sexualidades diferentes (ASSMANN, 1998, p.22). É Preciso então praticar uma pedagogia em que se ensine o exercício de conviver com as diferenças. Sendo ser humano carente por natureza, onde algo sempre nos falta. As faltas, entretanto, podem ser preenchidas na convivência. Escolas, portanto, deveriam ser escolas de convivência.

2.4 Estágio Supervisionado em Educação Física

O Estágio supervisionado em educação física, serve como referência, dentre outras para uma educação física escolar, que seja tanto ação pedagógica quanto produção teórica. Ele possibilita a ação pedagógica possibilitando aos alunos estagiários de educação física do sexto período, uma intervenção no cotidiano escolar baseada nos valores de justiça, paz e liberdade, contrapondo-se ao modelo vigente de sociedade excludente e violenta, massificando as pessoas em estereótipos sociais. Produção teórica no sentido de favorecer aos estagiários o exercício da pesquisa participante, para conjuntamente aos demais educadores da

escola, refletir, formar e reformular sua própria prática educativa e a prática da escola. Portanto, desenvolvemos uma experiência no âmbito escolar que amplia uma ação docente, ao propor uma atividade cultural que desenvolva a cultura popular em suas dimensões local/regional e universal (SOUZA, 2007).

A Disciplina é coordenada desde 1994, por entendermos que é na situação educativa que o educador se educa, princípio-freireano (FREIRE,1999),- estamos continuamente ocupados em proporcionar ao alunos de educação física experiências concretas de ensino, para que nelas eles desenvolvam uma teoria pedagógica que os oriente em suas ações docentes. As diversas abordagens da educação física escolar são apresentadas em uma disciplina preparatória ao estágio, Didática aplicada a educação física, e três propostas pedagógicas são apresentadas, educação física de corpo inteiro, educação física desenvolvimentista e educação física crítico-superadora.

Segundo Gomes da Silva (2007):

A disciplina funciona na forma de estágio supervisionado, os estagiários fazem a opção por uma das teorias pedagógicas e trabalham com elas durante um semestre letivo, experimentando-a numa turma de alunos do ensino fundamental II, numa das escolas públicas de João Pessoa (GOMES DA SILVA, 2007, p. 50).

As escolas são previamente contratadas pelo coordenador junto á sua direção, tendo em vista a continuidade de um trabalho pedagógico universidade-escola. Essa teoria a ser construída pelos alunos parte do conhecimento adquirido no curso, das necessidades e potencialidades da escola, da discussão sobre a experiência docente com o professor de educação física da escola, com o professor supervisor e com os demais colegas estagiários.

A finalidade do estágio supervisionado é colocar-se no processo educativo e aprenderem com a situação vivida, com a dinâmica da escola, com os demais educadores que participam do processo e, principalmente com os alunos, aprendendo como eles aprendem, estabelecendo vínculos afetivos e envolvendo-se responsabilmente com a situação de aprendizagem (GOMES DA SILVA, 2007).

Freire (1999, p. 45-46) afirma: “ Na formação permanente dos professores, o momento fundamental é da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima”. Apostamos na reflexão do professor, vários são os momentos onde esses espaços são feitos, sendo eles na escola pós a realização das aulas junto dos colegas estagiários e do professor supervisor. Em encontros periódicos na universidade, e nas sessões reflexivas que são orientadas a cada bloco de dez aulas. Ao final do estágio tudo o que foi produzido fica salvo em um relatório reflexivo de todas as aulas ministradas.

O Coordenador com os supervisores, juntamente com dois monitores, e quando possível, com o professor de educação física da escola (professor colaborador), constitui uma equipe de trabalho que tem como eixo norteador melhorar a qualidade de ensino da educação física escolar, tendo como estratégia formar professores de educação física críticos, criativos, reflexivos e éticos.

Utilizamos assim do período do estágio compreendido na escola para a realização do estudo de campo, aliando meu papel de monitor no auxílio aos estagiários de educação física da UFPB.

O Fim do estágio supervisionado é aliar à produção do conhecimento a formação pedagógica. Isso acontece na medida em que o estagiário, com sua ação docente, é sujeito e objeto de estudo se circunscreve ao tempo-espço do seu próprio fazer pedagógico.

3. MATERIAL E MÉTODOS

3.1 Tipo de Pesquisa

A Pesquisa ação visa produzir mudanças (ação) e compreensão (mudanças). Essa consideração destas duas dimensões dará uma importante contribuição para a elaboração do projeto de pesquisa.

O Tipo de pesquisa foi do tipo qualitativa, pesquisa-ação. Esta consiste na observação detalhada de um contexto ou indivíduo, de uma única fonte de documentos ou de um acontecimento específico (MERRIAM, 1998 apud BOGDAN & BIKLEN, 1999, p.89).

3.2 Sujeitos de Pesquisa

Os sujeitos de pesquisa foram constituídos por 60 alunos do ensino fundamental II da escola estadual Antônia Rangel de Farias, situada em João Pessoa PB. Com idade compreendida entre 12 e 17 anos. Oito professores da escola também fizeram parte do estudo, através da utilização de questionários sobre como é a relação de convivência atual dos alunos, e se houve melhoras pós a aplicação do korfebol.

Como critério de inclusão os alunos deveriam estar regularmente matriculados na escola nas turmas do ensino fundamental II, no período da manhã. Os alunos deveriam estar aptos para a atividade física, ou seja, participaram da pesquisa os alunos que já praticavam a educação física regular na escola, portanto diagnosticados como aptos pelo professor de educação física da escola, com respaldo médico. Os alunos freqüentaram as aulas de educação física e praticaram todas as aulas do korfebol.

3.3 Instrumentos de Coleta de Dados

Este estudo foi desenvolvido no período compreendido entre agosto e novembro de 2011, tendo como base para coleta de dados, os alunos do sexo feminino e masculino da Escola Estadual Antonia Rangel de Farias, situada em João Pessoa-PB, conveniada com o estágio supervisionado II em educação física da UFPB. Como também os professores da escola.

Como procedimento inicial foi encaminhado o projeto para o Comitê de Ética e Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde onde foi aprovado através do Protocolo N° 0246. Em seguida foram escolhidas as turmas da escola onde aplicamos o estudo, sendo abordado junto do professor-estagiário do estágio supervisionado II em educação física que esteve à frente da turma, sobre a aplicação do Korfebol junto das suas aulas, os procedimentos de pesquisa visando assim a sua aprovação.

Aos alunos foi informado sobre o objetivo da pesquisa e os procedimentos do mesmo, bem como a submissão voluntária ao estudo. A coleta de dados foi por de um questionário fechado, contendo perguntas relacionadas a aula de educação

física, ao conhecimento dos alunos sobre o Korfebol, e a relação de convivência com colegas na escola.

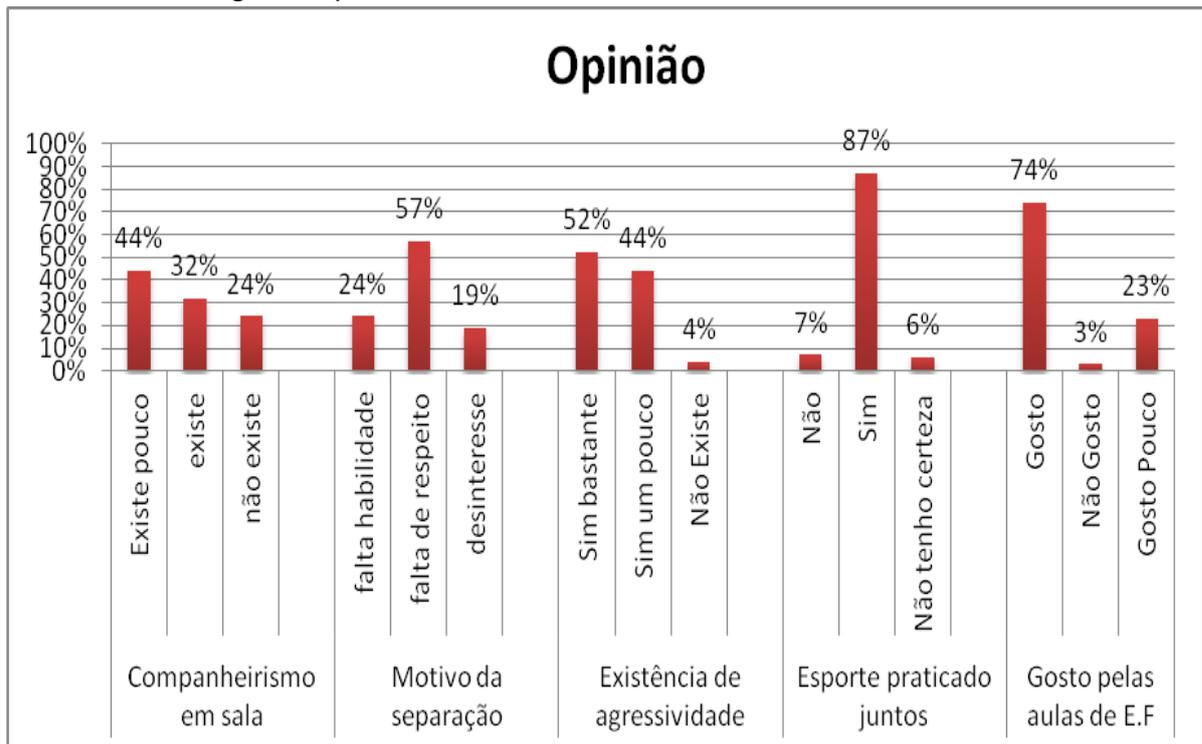
Em outro momento ministramos uma aula teórica explicando as regras e apresentando o esporte aos alunos, falando sobre o histórico, evolução, e como o esporte chegou ao Brasil. Em aulas seguintes iniciamos as aulas práticas com os alunos, iniciando com uma atividade recreativa que apresentando algum dos fundamentos e depois jogando a partida. No total foram realizadas quatro aulas com cada turma da escola, sendo uma teórica e três práticas. As turmas escolhidas para a realização do estudo foram as do 6ºA, 6ºC, 7ºA 8ºA e 9ºA, totalizando cinco turmas. Após a apresentação do esporte, os alunos foram submetidos a um questionário aberto composto por 10 questões, onde todos poderiam responder espontaneamente.

Abordamos também os professores de sala de aula, aplicando o questionário com os mesmos após o seu consentimento. O Questionário tratou da relação de convivência dos alunos em sala de aula. Após as aulas ministradas sobre o korfebol com as turmas, aplicamos outro questionário composto por 06 questões com os professores.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir dos dados obtidos pela aplicação dos questionários, mediante análise de estatística simples, serão apresentados a seguir os resultados encontrados.

Gráfico 1- Categoria Opinião dos alunos.



Sobre o companheirismo em sala de aula, 44% dos entrevistados responderam que existe pouco, 24% responderam que não existe e 32% afirmaram existir companheirismo.

A escola é um espaço de relações sociais, visto que meninos e meninas começam a conviver e criar relações e, então acontecem as diferenças e as resistências entre eles. De acordo com Vianna e Ridenti (1998) a escola como um espaço de relações de gênero pode produzir estereótipos, preconceitos, resistências e até mesmo novos valores e atitudes que irão enaltecer as visões dominantes sobre as relações dos homens e das mulheres, presentes na sociedade, pois a mesma acaba por privilegiar em alguns momentos mais um sexo que o outro.

O papel da escola passa a ser mais significativo ainda, uma vez que lida com um saber que muitas vezes precisa ser repensado, reavaliado e reestruturado. Infelizmente, nem sempre ou quase sempre a escola “não tem cumprido o objetivo da educação que desejamos, de cunho democrático, socializando o saber e os meios para aprendê-lo e transformá-lo” (RIOS, 1995, p.32).

Em uma sala de aula onde os alunos se encontram todos os dias durante um ano letivo, a convivência entre eles é algo a se julgar necessário e importante para a criação de um ambiente favorável ao processo de ensino aprendizagem em sala de aula.

O resultado obtido nessa categoria é relacionado a problemas de convivialidade que estão presentes na escola. Percebe-se que o problema é aparente e necessita de ser trabalhado como qualquer outro tema de sala de aula.

Através dos dados coletados percebemos que 24% dos entrevistados afirmam que o motivo da separação de meninos e meninas em jogos coletivos na educação física é a falta de habilidade das (os) meninas (os). 19% Apontam a falta de interesse de um dos sexos para a prática esportiva enquanto que 57% dos entrevistados responderam que a falta de respeito é o fator que determina essa separação.

No que se refere às questões do gênero nas aulas de educação física, isso fica evidenciado na prática rotineira de se formar turmas exclusivas “de meninas” e “de meninos”, revelando assim a visão sexista discriminatória entre os sexos dominante na sociedade e conseqüentemente na escola que em seu caráter normativo e seu papel de transmissora de conhecimento também está contaminada pelo sexismo, constituído em um código secreto e silencioso que molda e discrimina o comportamento de meninas e meninos, homens e mulheres (COLETIVO DE AUTORES, 1998).

No âmbito escolar, vemos que a integração entre os gêneros nas aulas de Educação Física, é algo de extrema dificuldade. A maioria dos jogos preconiza a vitória, com vigor e aptidão física, para conquistar a mesma. Porém, segundo Daolio (1995), a educação física escolar deve ser sem preconceitos, que propicie a todos e a cada um o pleno desenvolvimento de suas habilidades motoras. Se essas habilidades foram historicamente delegadas preferencialmente a um sexo, que haja espaço nas aulas para a discussão desses privilégios e, se for o caso, que se inicie a transformação desses valores a partir das aulas.

Essa falta de respeito presente em jogos coletivos quando se reúnem homens e mulheres integrados em uma mesma prática esportiva é resultado de um processo histórico que vem sendo reproduzido há décadas e décadas na educação física.

No quesito existência de agressividade na sala de aula, os resultados apontam que 52% dos entrevistados responderam que existe bastante agressividade na turma, 44% existe um pouco e apenas 4% afirmaram não existir nenhum tipo de problema de agressividade na turma. A violência é um problema social grave e que atinge todas as camadas sociais. Na escola não é diferente, os altos índices de agressões na escola afirmam que esse problema não foge do ambiente escolar. Essa violência em muitos dos casos começa em casa. Há diferentes formas de violência doméstica ou intrafamiliar, as quais são agrupadas e definidas como: física, sexual, psicológica e negligência (Caminha, 1999). A violência no lar se expressa de diferentes formas. A criança, como parte integrante da família, pode estar exposta à agressão direta - quando ela é o alvo da agressão - ou indireta - quando presencia cenas de violência entre os pais (Brancahorne, 2003; McCloskey, Figueredo & Koss, 1995).

Devido às regras estabelecidas no jogo, podemos dizer que o korfebol incentiva a não-violência. Suas regras impedem o contato físico por quem joga. Por exemplo, ao contrário de outras modalidades, um aluno não poderá tomar a bola de outro aluno, pois estará cometendo uma falta. Para obter a posse da bola, ele precisará pensar rápido para estar sempre marcando o adversário ou para interceptar um passe. O aluno, assim, descobrirá novas possibilidades, que poderá levar a uma mudança em seu comportamento.

Sobre a opinião dos entrevistados em relação à prática esportiva em que homens e mulheres atuem juntos os dados mostram que: 87% dos entrevistados responderam que os esportes podem ser praticados pelos dois sexos. 7% relataram que não, existem esportes pra homens e esporte pra mulher enquanto que 6% afirmaram não ter certeza do que foi perguntado.

O korfebol é um esporte misto onde obrigatoriamente a formação das equipes é constituída por pessoas de ambos os sexos, quatro homens e quatro mulheres. Essa modalidade esportiva vem quebrar as barreiras do preconceito entre homens e mulheres jogando juntos dentro de uma mesma equipe, lado a lado, sendo as mulheres de igual valor na parte tática, tendo as mesmas condições que

os homens. Os homens marcam homens e mulheres marcam mulheres não podendo em hipótese alguma haver marcação entre sexos opostos e também nenhum tipo de contato físico, bloquear, agarrar ou segurar os adversários é expressamente proibido.

As questões acerca de gêneros que ocorrem nas aulas de Educação Física, é motivo de preocupação para os professores, visto que embora nas outras disciplinas os alunos formem um grupo homogêneo, nas aulas de educação física, mesmo com o passar do tempo, as meninas ainda são vistas pelos meninos, muitas vezes, como inferiores por apresentarem falta de habilidade motora, lentidão ou sem coordenação ao realizar exercícios físicos.

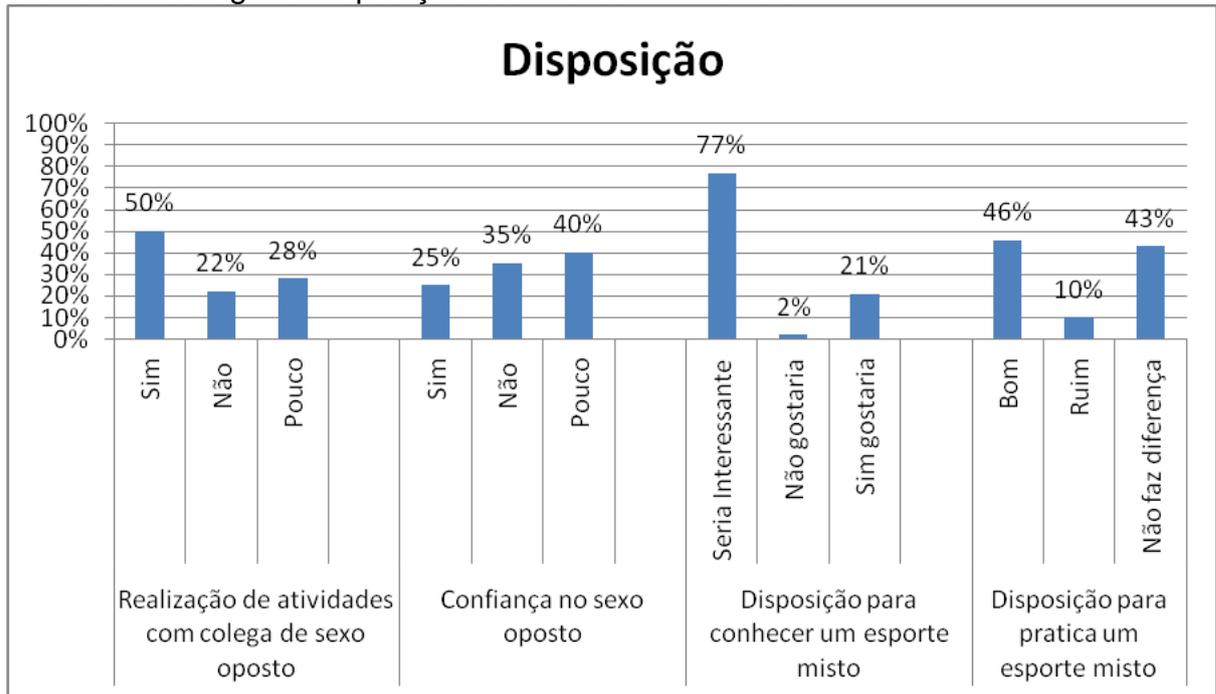
O caráter misto e coletivo do korfebol faz com que tanto as mulheres quanto os homens participem em igualdade e pensem em seu papel no jogo. Esse pode ser um assunto abordado durante a aula, e então fazer com que os alunos reflitam sobre as regras do jogo e como o que acontece durante o jogo pode ser levado à vida real. Meninos em situação de igualdade com meninas, todos juntos, cooperando juntos, em busca de um objetivo em comum. Por que não adaptar outros esportes para que os mesmos possam ser praticados por ambos os sexos em condição de igualdade?

Também foi perguntado aos entrevistados se eles gostavam das aulas de Educação Física, 74% disseram que gostam muito das aulas de educação física, 23% informaram que gostam pouco e 7% não gostam da aula.

Como podemos ver através de Barreto e Zoboli (2009, p. 199) que no contexto cultural da criança, a importância da atividade física.

A infância caracteriza-se por ser principalmente, a idade dos jogos e das brincadeiras. Através destas, a criança consegue satisfazer, em grande parte seus interesses, necessidades e desejos. Portanto, conhecer a criança, em seu contexto cultural, implica principalmente observá-la diuturnamente, nos jogos e brincadeiras. Através destas atividades a criança libera energia, expande a criatividade, fortalecendo a sociabilidade e estimulando a criatividade.

Constatamos que a Educação Física é fundamental para um bom desenvolvimento motor da criança, para suprir necessidades e interesses e com isso construir seu conhecimento, e proporciona uma atmosfera lúdica.

Gráfico 2: Categoria Disposição dos alunos – Anteriores

Sobre a realização de atividades com colegas de sexo diferente, os resultados mostram que 50% dos entrevistados realizam, enquanto que 28% realizam pouco e 22% não realizam nenhuma atividade com o sexo oposto.

O korfebol, à primeira vista, parece uma mistura de basquete e handebol, porém as equipes são constituídas por oito jogadores: quatro homens (dois à defesa e dois ao ataque) e quatro mulheres (duas à defesa e duas ao ataque). As equipes jogam em meia quadra (defesa ou ataque). A equipe que estiver à defesa não pode ir à quadra de ataque e vice-versa. A cada dois pontos na partida, ataque e defesa invertem suas posições (quem estiver atacando vai para a defesa e quem estiver defendendo vai ao ataque).

“No que tange a questão de gênero, as aulas mistas de educação física podem dar oportunidade para que meninos e meninas convivam, observem-se, descubram e possam aprender a ser tolerantes, a não discriminar e a compreender as diferenças, de forma a não reproduzir estereotipadamente relações sociais autoritárias” (BRASIL, 1997, p. 3)

Os entrevistados foram questionados sobre a confiança no sexo oposto, e foi relatado o seguinte: 40% confiam pouco, 35% não confiam e apenas 25% responderam que confiam em colegas do sexo diferente.

Em relação a confiança no sexo oposto, a maioria dos entrevistados confiam pouco ou não confiam em colegas do sexo oposto. Essa problemática pode ser explicada pela falta de convivência entre ambos os sexos durante as situações de aulas na escola. A educação física é um momento onde os alunos saem da sala e vão para as práticas corporais. Esse momento deve ser valorizado e assim prezar pela integração e cooperação entre os gêneros.

O korfebol é uma alternativa pedagógica que pode dirimir tais conflitos existentes, pois possui características únicas que promovem integração entre os sexos e possibilita aos indivíduos com quais quer características praticá-lo, por se tratar de um esporte misto e dinâmico, onde as posições são alternadas constantemente, sem contato físico, onde raciocínio, tomada rápida de decisão e percepção fazem parte das habilidades exigidas. Aspectos como controle da agressividade, inclusão, espírito de equipe, visão coletiva, concentração entre outros, também são benefícios, dentro de uma visão pedagógica, trazidos pela prática desta modalidade esportiva.

Percebemos nesse gráfico que mesmo sem a intervenção do korfebol os alunos já apresentavam uma disposição para socializarem com o sexo oposto nas aulas práticas de educação física. 77% dos entrevistados responderam que seria interessante conhecer um esporte onde homens e mulheres joguem juntos, 21% afirmaram que seria interessante. Contabilizando 98% dos entrevistados. Apenas 2% não gostariam de conhecer um esporte com essas características.

Observando esse interesse dos alunos em conhecer o diferente, o novo precisamos enquanto professores estar preparados para pesquisar e apresentar novas abordagens de ensinamentos de conhecimentos. A educação física é tida por muitos como a mesmice de anos atrás, onde as aulas são sempre as mesmas, com os mesmos temas e os mesmos personagens.

Freire (2009, p. 157) comenta sobre o poder de educar através do movimento: “Educação Física é a disciplina pedagógica que tem por objetivo educar corporalmente as pessoas, e digo isso porque acho que educar é ensinar a viver.”

O objetivo com esta pergunta era verificar se havia uma disponibilidade para apresentarmos o korfebol, já que é uma modalidade esportiva obrigatoriamente praticada por ambos os sexos. Além de considerar este um esporte de inúmeros recursos pedagógicos.

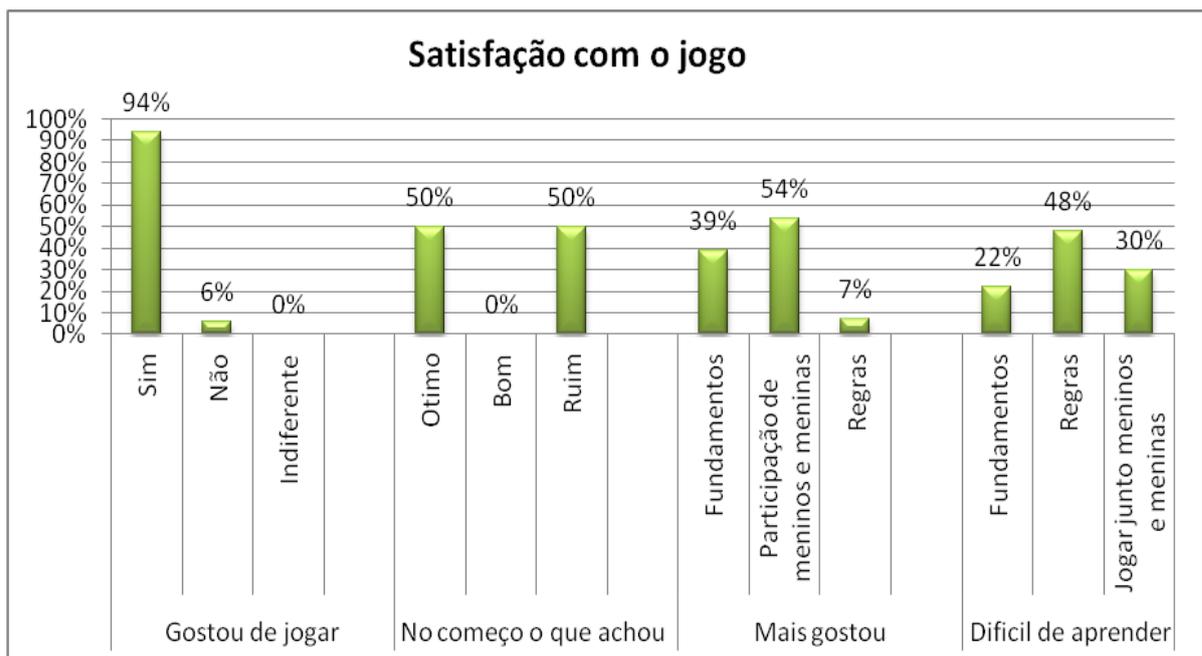
Tentamos perceber a disponibilidade de cada um em participar de atividades físicas com o sexo oposto, 46% disseram que seria bom, 44% responderam que não faz diferença e 10% responderam que seria ruim.

Barreto e Zoboli (2009, p. 204), identificam que a atividade lúdica é um agente formador, também fornecedor de informações sobre a criança e o adolescente:

Neste sentido, é fundamental que os educadores tomem consciência de que a atividade lúdica fornece informações elementares a respeito da criança e do adolescente: suas emoções, a forma como interage com seus colegas, seu desempenho psicomotor, seu estágio de desenvolvimento, seu nível linguístico, sua formação moral.

Aqui temos uma colocação sobre as atividades lúdicas no intuito de visualizar elementos do comportamento social, das emoções e reações das crianças e adolescente e também um mecanismo para intervir nesta realidade, justamente aqui pretendemos fazer uso do korfebol como proposta integradora para estas crianças e adolescente que se já mostram dispostas a encarar o desafio de se unirem ao outro sexo no jogo.

Gráfico 3- Satisfação dos alunos.



Após a intervenção do korfebol na escola, quando questionados sobre se gostaram do korfebol, a grande maioria dos entrevistados representados por 94% afirmaram ter gostado de praticar o esporte. Apenas 6% não gostaram o que mostra uma grande aceitação do esporte na escola.

Escobar e Taffarel (2009, p. 175), comentando sobre a construção de uma cultura corporal, nos dizem:

Entretanto, o significativo acervo destas atividades não indica que o homem nasceu saltando, arremessando ou jogando. Estas atividades foram construídas em certas épocas históricas como respostas a determinadas necessidades humanas, mas entende-las como atividades não material não significa desencarná-las do processo produtivos que as originou na relação contraditória das classes sociais.

O Korfebol tornou-se um elemento na construção da cultura corporal destes alunos, entraram em contato com este novo esporte, assimilaram a sua prática, gostaram da nova experiência e agora pretende continuar praticando.

Quando questionados sobre a primeira impressão do jogo, os resultados foram parecidos, 50% acharam o jogo ótimo de início e outros 50% acharam o jogo ruim no começo.

Yozo (1996, p.155) tratando da montagem de programas que envolvam jogos e sua aplicação faz a seguinte colocação: “O uso de jogos deve respeitar a fase de desenvolvimento do grupo, ou seja, parte-se da sensibilização à identidade grupal, de acordo com os objetivos propostos pelo Diretor.” sempre na proposta de um jogo o professor deve considerar a sua aceitação pelo grupo, se está sendo coerente com a faixa etária, e permitir que o jogo por si só seja entendido.

O jogo é entendido pelo ato de jogar, como uma ação que transmite e recria a cultura. Benjamin (1928) afirma que “Todo hábito entra na vida como brincadeira” (1984, p.75) e Huizinga (1938) o acompanha, dizendo, é no jogo que a civilização surge e se reproduz (1996, p. 6). O jogo modela os sujeitos sociais tanto na estrutura do comportamento, quanto em suas disposições íntimas ou subjetivas. Contudo, mesmo reconhecendo que o jogo é revestido de uma dimensão sócio-política, sabemos que ele é campo apenas para se conhecer a natureza individual psicológica, mas também não é exclusivamente objeto para se compreender a sociedade e os mecanismos de controle em que ele está submetido.

Esse empate nas respostas é fruto de um ambiente de práticas esportivas que estavam acostumadas a serem sempre os mesmos esportes, com os mesmos personagens. O novo, o diferente é sempre difícil de aceitar, leva-se um tempo até a sua internalização. E foi assim com o korfebol. Alguns alunos de início resistiram em participar, alguns ficaram só olhando as primeiras aulas, mas o próprio jogo seduziu os alunos.

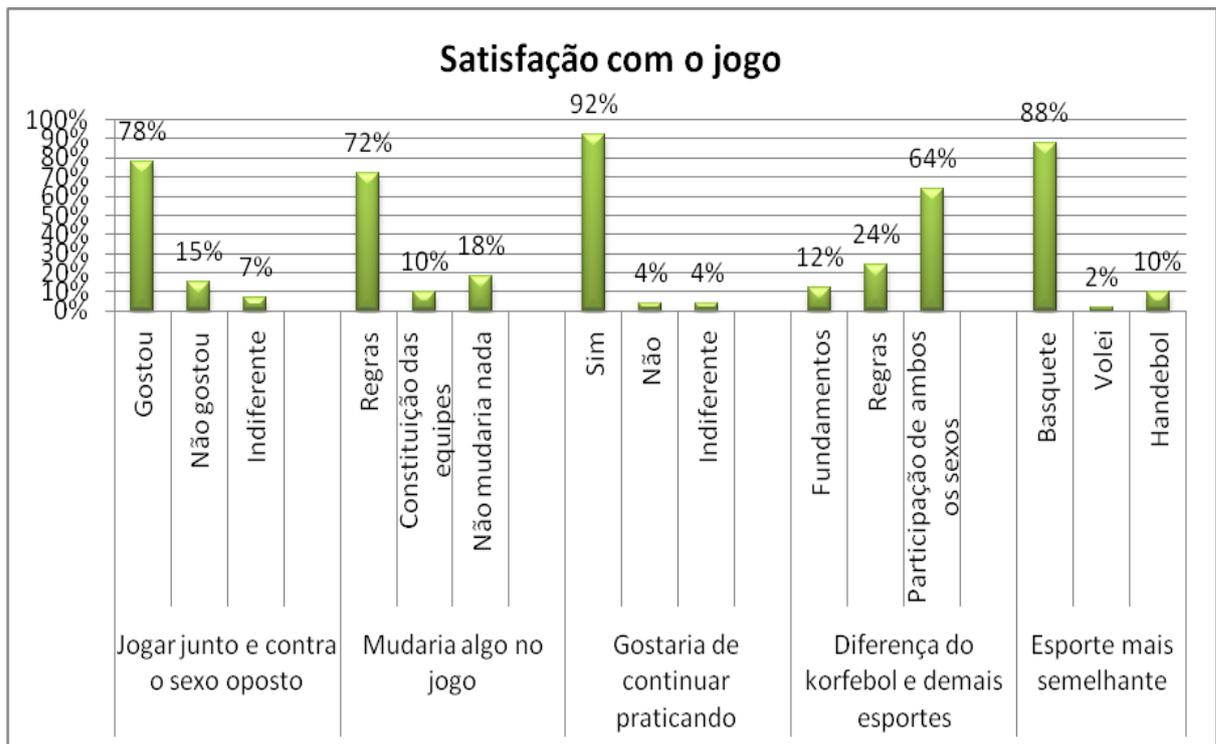
Quando questionados o que mais gostaram no jogo os resultados mostram que 7% gostaram das regras, 39% aparecem respondendo que gostaram dos fundamentos do jogo e a grande maioria representada por 54% responderam que gostaram da participação de meninos e meninas no jogo.

Segundo Barreto e Zoboli (2009, p. 205) “O desenvolvimento global da criança acontece através do lúdico. Ela precisa brincar e jogar para se desenvolver de maneira sadia, precisa do jogo como forma de equilíbrio com o mundo.” A vivência em situações onde o indivíduo necessita tomar decisões e executar ações auxilia em sua relação com o mundo.

As novas situações propiciadas pela prática do korfebol na escola, agradaram a maioria dos alunos. Foi proposto um esporte que por aqui é ainda desconhecido, o interesse dos alunos foi evidente, o que nos leva a crer que a inserção do esporte na escola foi positiva. Os alunos em sua maioria afirmaram ter gostado da participação dos dois gêneros no esporte, o que comprova que podemos sim quebrar as barreiras do preconceito existentes na educação física, onde homens não podem realizar atividades juntos das mulheres. Isso se reflete na vida social posteriormente, gerando preconceitos e estereótipos.

Foi questionado também aos entrevistados o que foi mais difícil de aprender no jogo. 48% regras, 22% fundamentos e 30% jogar junto meninos e meninas.

O Korfebol como outro esporte apresenta conjunto de regras que lhe dá características muito próprias, sendo o que diferencia de todas as outras modalidades coletivas. Um dos principais pontos é que as equipes são obrigatoriamente compostas por atletas de ambos os sexos, não é permitido o contato físico e não se pode progredir com a bola. Em outras palavras, a cooperação, socialização, trabalho em equipe são fundamentais para se jogar , enquanto que o individualismo e a violência são difíceis de serem incorporados ao korfebol.

Gráfico 4: Satisfação dos alunos

Quando perguntados como foi à experiência de jogar junto em um mesmo time e contra pessoas do sexo oposto, os entrevistados em sua maioria responderam que gostaram representando 78% do total, enquanto que 15% não gostaram e 7% foram indiferentes a essa situação.

Barreto e Zoboli (2009, p. 205) ao referirem-se ao jogo dizem:

O jogo na educação motora, portanto, tem um papel fundamental para a humanização do indivíduo através da aquisição de hábitos, valores e atividades, afinal é na relação interpessoal que se aprende a colaborar, repartir, ceder, compartilhar experiências, expor e organizar idéias.

Se dispusermos de uma educação motora, que envolva situações problemas ou incomuns trazemos a reflexão sobre temas transversais e que fazem parte do cotidiano do nosso aluno dentro e fora do ambiente escolar.

A perspectiva que um gênero possuía do outro foi alterada a cooperação entre estes gêneros melhorou e a compreensão do outro também. A experiência mostrou também que meninos e meninas querem interagir, quer seja em sala de aula quer seja na quadra.

Sobre o jogo, se mudariam algo, 72% dos entrevistados responderam que mudariam algo nas regras, 18% não mudaria nada e 10% gostariam de alterar a forma de constituição das equipes.

Souza Júnior (2009,p. 85) faz uma colocação sobre saberes escolares:

Defendemos que não só é a forma dos saberes escolares que deve ser problematizada na atualidade, devemos duvidar dos próprios saberes que foram selecionados para a escola e por ela. Devemos ser críticos em relação a estes saberes, reconhecendo em sua historicidade, seus graus e flancos de reprodução e resistência. Não é no método que está a garantia da criticidade na apropriação dos conhecimentos. A própria seleção crítica de saberes críticos e sua organização e sistematização também crítica teriam mais chances na formação e atuação de sujeitos históricos críticos da sociedade capitalista

A capacidade de avaliar, criticar e reconstruir também é evidente nos esportes, pois permitem inovações e adaptações nas regras para melhor atenderem as necessidades de cada indivíduo, esta capacidade é adquirida através das experiências com as quais o indivíduo é colocado em contato.

Após a realização de cada dia de prática do korfebol era feito uma roda de conversa e eram debatidos com os alunos assuntos relacionados ao jogo. Essas reflexões fizeram que com os alunos pensassem na prática do esporte buscando realizar comparações do esporte com outras modalidades esportivas. Criamos assim um ambiente crítico e reflexivo nas aulas de educação física, o que pode ter levado a maioria dos entrevistados a querer mudar as regras do jogo.

Quando indagados se gostariam de continuar praticando o korfebol na escola, 92% responderam que sim, 4% não, e outros 4% foram indiferentes.

O caráter lúdico na cultura corporal é de fundamental importância, Yozo (1996, p. 13) comenta que:

O adulto adquire modelos, regras e convenções morais os quais gradualmente, tolhem sua espontaneidade criadora, tornando-se rígido e hermeticamente fechado em seu próprio mundo materialista e consumista. Torna-se prisioneiro da rotina e de suas obrigações. É importante que se aprenda a resgatar a *ordem lúdica*. Entende-se como ordem lúdica a interrupção temporária da vida real para jogar esta interrupção permite ao indivíduo libertar-se de suas "amarras" sociais. É um momento mágico onde o "jogar" é desprovido de censuras ou críticas.

A ordem lúdica permite ao ser humano abrir um espaço em sua realidade abstraindo-se dela e não se concentrando nos problemas, aliviando o estresse, se descontraindo, se divertindo e interrompendo sua rotina de trabalho, tarefas e obrigações.

No que diz respeito às diferenças do korfebol e os demais esportes os dados mostram que: 12% falaram que o korfebol possui fundamentos diferenciados, outros 24% afirmaram que as regras do jogo o difere dos demais esportes enquanto que 64% dos pesquisados lembrou que no korfebol a participação dos dois sexos é fator que diferencia o esporte dos demais.

Ao considerar o jogo como ato natural do ser humano, Yozo (1996, p. 13) considera que:

Se acompanharmos a evolução da humanidade, perceberemos, que o lúdico representa o processo de aprendizagem e descoberta do ser humano. É uma forma direta de colaborar na construção cultural de um povo, de uma sociedade. Com o jogo aprende-se regras, limites e obtêm-se objetivos claros, de forma voluntária e prazerosa.

Pedagogicamente os jogos sempre apresentam com uma grande ferramenta. Os esportes como jogos mais complexos se encaixam nas características desta ferramenta, as experiências que os alunos já possuíam com outras modalidades permitiram que eles estabelecessem uma relação de outras modalidades com o korfebol, claro que estas vivências proporcionam um acervo maior de argumentos e características possíveis de comparação com os demais esportes.

O esporte que mais se assemelha ao korfebol é o basquete segundo 88% dos indagados na pesquisa, outros 10% citaram o handebol e outros 2% o voleibol.

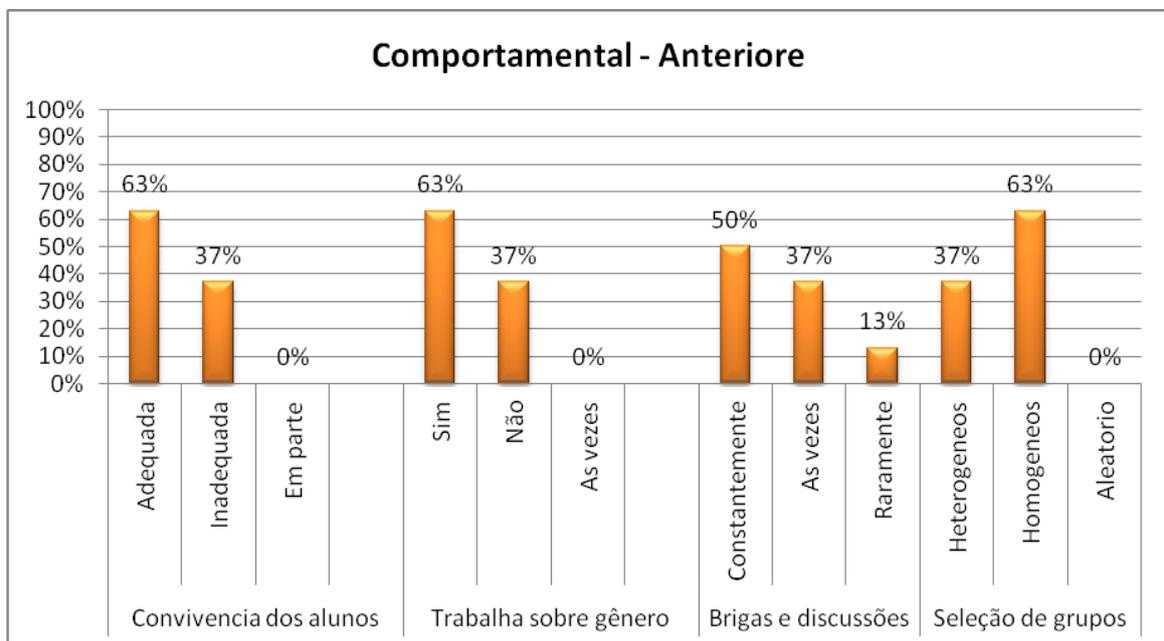
Barreto e Zoboli (2009, p. 206) comentam o seguinte sobre o desenvolvimento de capacidades através de uma educação global envolvendo a educação física.

Essas atividades auxiliam muito no desenvolvimento global das crianças, como atenção, raciocínio, agilidade e interesse, podem ser realizadas não só nas aulas de educação motora, mas também nas aulas em sala de aula e no pátio, possibilitando assim, um melhor desempenho nas demais atividades curriculares e promovendo uma aprendizagem mais significativa. Elas possibilitam à criança a aprender de acordo com seu ritmo e suas capacidades.

Mais uma vez a característica pedagógica do esporte fica evidente ao estabelecer as relações com outros esportes vivenciados por eles. Estes auxiliam na formação global do indivíduo, e se bem orientado e acompanhado, contribuindo para muitas outras áreas da sua vida entre elas disciplina, superação, raciocínio entre outras.

Neste questionário os alunos ficaram livres para se expressarem, foi realizada como entrevista coletiva, através destas respostas percebemos a eficiência da nossa intenção em proporcionar um conteúdo interessante, fazendo uso de um esporte de características didáticas como o korfebol, a cooperação das crianças em relação o sexo oposto foi de nível elevado, a percepção interdisciplinar delas também enxergando como a modalidade poderia ser empregada em outras disciplinas. Desta forma deixamos aqui uma série de aspectos positivos e relevantes da prática do korfebol na escola.

Gráfico 5- Comportamental – Por professores- Anteriores



A avaliação segundo 63 % professores entrevistados é classificada como adequada no que se refere a relação de convivência em sala de aula dos alunos, enquanto que 37% classificaram a relação entre os escolares como inadequada. Sobre essa problemática social da convivência que também se reflete na escola, a revista Veja (maio de 1996), em reportagem sobre problemas de disciplina na escola, mostra que uma das principais explicações para a indisciplina na escola é a

falta de educação em casa. Quem não assimilou regras básicas de convivência social, acha que tudo é permitido. Assim, alunos indisciplinados e mal-educados atormentam professores, e estes não apresentam condições para "controlar a bagunça que come solta dentro da sala de aula. E o que é pior: não bastassem as conversinhas, os risinhos, as guerrinhas de papel, o respeito pela figura do professor passou a ser tão raro como um nota 10 em redação" (p. 54).

Os professores também foram questionados se realizam atividades relacionadas a gênero em sala de aula, e os resultados mostram que 63% responderam que sim e 37% não. De acordo com Schneuwly e Dolz (1997) a escola na sua missão de ensinar os alunos a escrever, a ler e a falar, ela, forçosamente, sempre trabalhou com os gêneros, pois toda forma de comunicação, portanto também aquela centrada na aprendizagem, cristaliza-se em formas de linguagem específicas. A particularidade da situação escolar reside no seguinte fato que torna a realidade bastante complexa: há um desdobramento que se opera, em que o gênero não é mais instrumento de comunicação somente, mas, ao mesmo tempo, objeto de ensino/aprendizagem.

O Korfebol é um esporte, possui regras, metodologia e é bem competitivo, porém não exclui, integra todos os alunos sem discriminação. Ele possui regras diferenciadas, tais como: os meninos e as meninas participam do mesmo time. Partindo disso, o korfebol pode ser um meio muito importante para ajudar o professor de Educação Física a socializar os alunos, trabalhando assim a convivialidade de maneira espontânea.

Foi perguntado também se existem situações de brigas e discussões entre os alunos em sala de aula, e 50% dos entrevistados responderam que constantemente acontecem, outros 37% responderam que às vezes é comum acontecer, e 13% afirmaram raramente acontecerem essas situações descritas. Um dos principais problemas da escola atualmente reside em como lidar com os conflitos que surgem no ambiente escolar. Diariamente, observamos nas escolas pais relatarem que "não conseguem mais lidar com seus filhos", por sua vez professores também reclamam da indisciplina dos alunos, da falta de respeito, da falta de limites. Entre os (as) alunos (as) ocorrem conflitos, como brigas, tapas, pontapés, fenômeno bullying, que se caracteriza por gozações, apelidos cruéis, rejeições, exclusão, perseguição, entre outros.

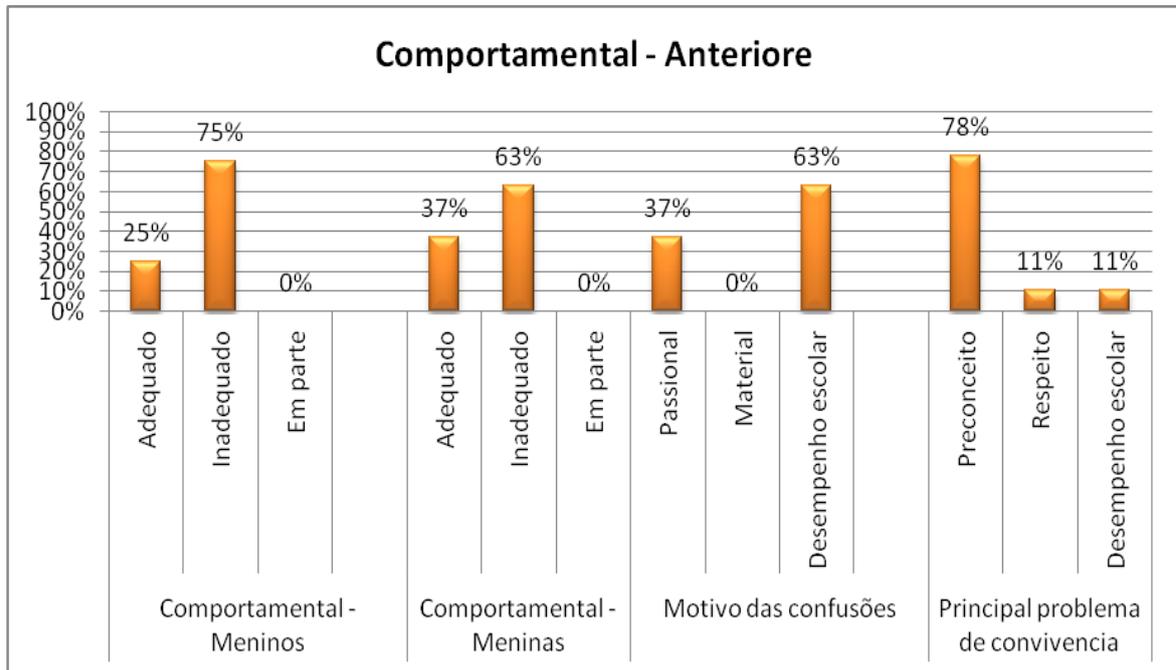
A aprendizagem da resolução de conflitos poderá conduzir a formas de convivência mais satisfatórias e à melhoria da qualidade de vida das pessoas, possibilitando a soma dos recursos mentais, intelectuais e emocionais imprescindíveis para a convivência humana. Sastre & Moreno (2002) argumentam que as emoções e os sentimentos humanos precisam ser trabalhados sempre que surgem conflitos na escola. As autoras sugerem que aprender a compreender os próprios sentimentos como também os sentimentos dos outros deveria ser uma disciplina tão significativa no currículo como qualquer outra.

Dani (2004) relata que alguns professores têm dificuldade para perceber que muitos conflitos são excelentes oportunidades para se trabalhar a cooperação. Outros reconhecem a importância de se trabalhar os sentimentos que afloram nas situações de conflito, mas, alegam não ter formação para resolver as brigas, as discussões entre as crianças, entre professores e alunos, e até mesmo entre seus pares. É importante destacar que em toda a convivência humana existem conflitos, e eles também estão presentes na escola, na sala de aula, pois são ambientes onde as pessoas interagem.

A forma de seleção de grupos em trabalhos feitos em sala de aula também foi perguntada aos professores entrevistados. 63% dos entrevistados relataram que selecionam grupos homogêneos em suas aulas, enquanto que 37% selecionam grupos heterogêneos.

Ao focar as questões de gênero nos ambientes educativos é necessário, que os sentidos estejam afiados para que sejamos capazes de ver, ouvir, sentir as múltiplas formas de constituição dos sujeitos implicadas na concepção, na organização e no fazer do cotidiano escolar. "Atentas aos pequenos indícios, veremos que até mesmo o tempo e o espaço da escola não são distribuídos e usados - portanto não são concebidos - do mesmo modo por todas as pessoas" (LOURO, 1997, p. 59).

As pesquisas sobre gênero e educação mostram que as instituições escolares, através de regimentos, organização dos espaços e da distribuição do tempo, constituem importantes espaços para a formação de crianças e jovens. "As crianças aprendem o sexismo na escola ao se defrontar com a hierarquia do sistema escolar onde os papéis femininos e masculinos estão determinados". (ALAMBERT, apud VALENZUELA; GALLARDO, 1999, p.25).

Gráfico 6- Categoria comportamental – Anteriores por professores

Foi perguntado aos professores entrevistados como é o comportamento dos meninos quando realizam atividades em conjunto com as meninas. 75% dos entrevistados responderam que é inadequado o comportamento dos meninos, e apenas 25% classificou como adequado o comportamento deles na realização de atividades com o sexo oposto.

Tais constatações mostram-nos que a má relação e conseqüente separação de meninos e meninas nas aulas desconsidera a articulação do gênero com outras categorias, a existência de conflitos, exclusões e diferenças entre pessoas do mesmo sexo, além de impossibilitar qualquer forma de relação entre meninos e meninas. Mas, como alerta Kunz (1993), em estudo sobre a construção histórico-cultural dos estereótipos sexuais, no contexto escolar, a educação física constitui o campo onde, por excelência, acentuam-se, de forma hierarquizada, as diferenças entre homens e mulheres. Também Louro lembra que, se em alguns componentes curriculares a constituição da identidade de gênero parece, muitas vezes, ser feita por meio de discursos implícitos.

Nas aulas de educação física esse processo é, geralmente, mais explícito e evidente. Ainda que várias escolas e professores/as venha trabalhando em regime de co-educação, a educação física parece ser a área onde as resistências ao trabalho integrado persistem, ou melhor, onde

as resistências provavelmente se renovam, a partir de outras argumentações ou de novas teorizações. (1997, p. 72)

A pergunta também foi feita para saber com os professores avaliam o comportamento das meninas quanto realizam em conjunto com os meninos. Os dados são parecidos com o da questão anterior. 63% responderam que é inadequado o comportamento, enquanto que 37% acham adequado o comportamento das meninas.

Como a idéia de gênero está fundada nas diferenças biológicas entre os sexos, ela aponta para o caráter implicitamente relacional do feminino e do masculino. Assim, gênero é uma categoria relacional porque leva em conta o outro sexo, em presença ou ausência.

Sobre isso, Poovey (1988) argumenta que a oposição entre os sexos não é reflexo ou articulação de um fato biológico, mas uma construção social. A revelação de que a oposição binária é artificial desestabiliza a identidade aparentemente fixa e rígida do feminino e do masculino e impede a formulação de outras possibilidades.

O motivo das confusões em sala de aula também foi questionado e os resultados mostram que 63% das confusões são por motivos relacionados ao desempenho escolar, enquanto que 37% dos entrevistados alegaram que motivos passionais são as causas desses conflitos.

A explicitação e negociação das regras de funcionamento do grupo são sem dúvidas interação das mais educativas, na medida em que representa uma meta-interação, ou seja, uma interação que versa sobre a própria interação e sobre as suas condições de ocorrências (PERRENOUD; 1987).

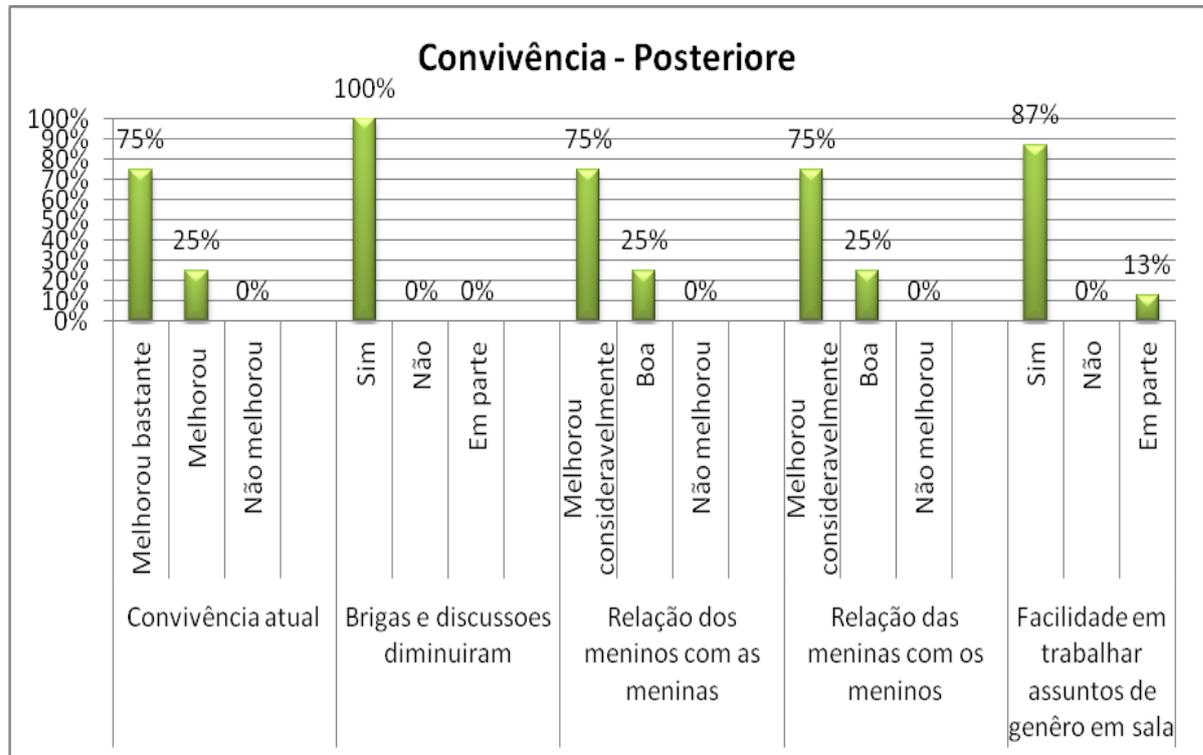
Dos entrevistados, 78% afirmaram que o preconceito é o problema principal no que diz respeito às relações de convivência dos escolares em sala de aula. Outros 11% relataram a falta de respeito como principal problema e outros 11% falaram que o desempenho escolar é causa dos problemas existentes na convivência dos alunos.

Ao buscar conhecer as causas sociais e culturais das diferenças entre os sexos, Belotti (1975) afirma que podemos descobrir sua gênese em pequenos gestos cotidianos tão corriqueiros que chegam a passar-nos despercebidos; em reações automáticas, cujas origens e objetivos nos escapam, e que repetimos sem ter consciência do seu significado, porque os interiorizamos no processo

educacional; são preconceitos que não resistem à razão nem aos novos tempos, mas que continuamos a considerar como verdades intocáveis, nos costumes e nas regras inflexíveis.

Também os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) (Brasil, 1997), que servem de apoio às discussões e ao desenvolvimento dos projetos educativos da escola, reforçam a necessidade de se construir uma educação básica que adote como eixo estrutural o princípio da inclusão, apontando para uma perspectiva metodológica de ensino-aprendizagem que busque a cooperação e a igualdade de direitos de todos. Para isso, sugerem um conjunto de temas que aparecem transversalizados, permeando a concepção dos diferentes componentes curriculares, dentre os quais a ética, a saúde, a orientação sexual e a pluralidade cultural, englobando, portanto, as questões de gênero na cultura brasileira.

Entretanto, para que essas idéias e esses valores se tornem realidade na educação escolar não basta incluí-los nas leis e nos PCNs; é necessário entender que quanto mais o pensamento e a prática educacionais se situam no campo dos direitos, mais inevitável se torna encarar a escola como um dos espaços instituídos da integração e da diversidade. E, como recomenda Arroyo (1996), é preciso também situar a escola na construção de um projeto político e cultural por um ideal democrático que reflita, ao mesmo tempo, a complexa diversidade de grupos, etnias, gêneros, demarcado não só por relações de perda, de exclusão, de preconceitos e discriminações, mas também por processos de afirmação de identidades, valores, vivências e cultura.

Gráfico 7- Categoria: Convivência – Posteriore por professores

Após a intervenção do korfebol com os alunos, foi questionado aos professores entrevistados como está a atual relação de convivência dos alunos. 75% dos entrevistados alegaram que a relação de convivência dos alunos melhorou bastante, e outros 25% responderam que melhorou.

Sabemos que a integração entre os gêneros nas aulas de Educação Física, é algo de extrema dificuldade. A maioria dos jogos preconiza a vitória, com vigor e aptidão física, para conquistar a mesma. Porém, segundo Daolio (1995), a educação física escolar deve ser "sem preconceitos, que propicie a todos e a cada um o pleno desenvolvimento de suas habilidades motoras. Se essas habilidades foram historicamente delegadas preferencialmente a um sexo, que haja espaço nas aulas para a discussão desses privilégios e, se for o caso, que se inicie a transformação desses valores a partir das aulas".

E foi isso que foi feito através da prática do korfebol. Conseguimos reunir meninos e meninas juntos em uma mesma prática esportiva, oportunizando situações onde eles precisavam um do outro para melhor desempenho das equipes que tinham formações mistas. Os alunos viram que através do trabalho em equipe, cooperação e da comunicação que são fatores essenciais em jogos coletivos era possível meninos e meninas jogarem juntos.

Quando perguntados se as situações de brigas e discussões diminuíram, os entrevistados foram unânimes em responder que sim, sendo representados por 100%.

O Korfebol consegue manter a competitividade sem a agressividade, ou seja, consegue agradar tanto os meninos quanto as meninas. A integração é feita durante e após o jogo, pois os participantes conseguem trocar experiências, serem cobrados e cobrar do companheiro, ensinar, aprender com o gênero oposto, durante o jogo, e após, com as resenhas no término de cada aula.

Através de aulas co-educativas, que são aquelas onde meninos e meninas participam juntos e que pretende equalizar as relações de poder encontradas nas questões de gênero. Esta passou a ser defendida por muitos educadores, a partir da década de 80, porém ela traz para alguns professores de educação física algum desconforto, por estarem em suas aulas juntando grupos heterogêneos (meninos x meninas), executando a atividade física em conjunto (OLIVEIRA, 2004).

Foi perguntado como está a relação dos meninos com as meninas e os resultados demonstram que 75% dos entrevistados alegaram uma melhora considerável nas relações entre eles e elas. Outros 25% responderam que a relação entre os meninos e meninas está boa.

No Korfebol o jogador não pode “progredir com a bola andando, correndo ou driblando” (GRANJA et al., 1997, p.14); o jogador tem que passar a bola para o companheiro e essa obrigatoriedade faz com que o jogador pense no grupo e não somente em si próprio, como geralmente acontece em esportes coletivos, característica esta, que transforma o Korfebol em um jogo que também chamamos de cooperativo.

Dos pesquisados entrevistados, 75% afirmaram que melhorou consideravelmente a relação das meninas com os meninos enquanto que 25% afirmaram está boa a relação dos gêneros.

Segundo estudo realizado por Helena Altman (1998) apud Dornelles (2006), as formas de divisão nas aulas se deve através de quatro focos: gênero, idade, força e habilidade. Essas diferenças construídas cultural e historicamente ainda são, muitas vezes, utilizadas como argumentos na sustentação de práticas, atividades e conteúdos que constituem desigualdades de oportunidades e vivências motoras entre estes grupos nas aulas de Educação Física.

O fato de ser um esporte onde as meninas conseguem ter um rendimento melhor, por conta das facilidades para elas que o jogo impõe em suas regras e dependerem delas para que o jogo flua, o Korfebol é um esporte, apresentado por muitos como instrumento usado para diminuir este problema de integração entre os gêneros.

Foi questionado se esta mais fácil trabalhar atividades referentes a gênero em sala de aula, e 87% dos entrevistados responderam que sim. Outros 13% responderam que em parte está mais fácil.

Ao estudar sobre os conflitos e diferenças entre os gêneros, Arantes (2007) demonstra que se faz necessário que o(a)s aluno(a)s desenvolvam sua capacidade dialógica e autônoma de tomada de decisões, buscando analisar a situação enfrentada, expor o problema de forma clara e buscar soluções que permitam resolvê-las de maneira satisfatória para os envolvidos. É preciso que os estudantes analisem e questionem suas possíveis causas, analisem os sentimentos e os pensamentos de todas as partes envolvidas, criem coletivamente normas e regras que favoreçam a convivência do grupo, percebam que um conflito pode ter diferentes formas de resolução (SASTRE, G & MORENO, M, 2002 apud ARANTES, 2007).

Para lutar contra esse conflito nas aulas de Educação Física, é necessário que os professores tomem consciência da força que têm e que procurem trabalhar para promover mudanças, propondo atividades novas que motivem os alunos a participarem das atividades.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebemos através da inserção do korfebol na escola evidências da aprovação dos alunos ao esporte. Através da análise da categoria opinião, percebemos a existência de pouco companheirismo entre os alunos, e altos índices de agressividade em sala de aula. Apesar da grande maioria dos alunos gostarem das aulas de Educação Física, a separação dos gêneros é evidente, quando da realização de atividades coletivas sendo motivadas principalmente pela falta de respeito. Essa falta de respeito leva a hipótese da falta de confiança entre os gêneros que também foi evidenciada. Na categoria disposição a maioria dos alunos se mostrou interessados em conhecer e praticar um esporte misto (esporte onde é praticado por ambos os gêneros).

A categoria satisfação mostrou que 94% dos alunos aprovaram o esporte, tanto pela prática quanto pela participação e interação de ambos os gêneros. Sobre a impressão inicial do jogo, tivemos igualdade na escolha do fator “gostar do jogo”. Os resultados mostram que as regras foi o item mais difícil de aprender no esporte, devido o hábito de não participar de atividades desse tipo. O esporte que mais se assemelha ao korfebol é o basquete, devido à forma de pontuar no jogo, que é a partir da realização de pontos em “cestas”. 92% dos entrevistados afirmaram querer continuar jogando o esporte, o que mostra a grande aceitação e interesse dos mesmos, porém como sugestões dadas mudariam as regras do jogo.

O comportamento dos alunos sob o ponto de vista dos professores antes da prática do korfebol mostra que a convivência dos alunos é adequada (63%), sendo trabalhados assuntos ligados a gênero pela maioria dos entrevistados. A forma de seleção de grupos em trabalhos coletivos é homogênea, segundo 63% dos professores. Os resultados mostram que o comportamento dos meninos quando realizam atividades em conjunto com as meninas e vice versa são semelhantes, sendo considerados inadequados. As situações de brigas e discussões em sala de aula são constantes segundo 50% dos professores. Essas situações são motivadas por problemas de desempenho escolar segundo 63% do professorado. O principal problema na convivência dos alunos é o preconceito, segundo 78% dos pesquisados.

Na categoria convivência entre os alunos pós-jogo, sob o ponto de vista dos professores, 75% dos entrevistados afirmaram ter melhorado bastante a atual relação de convivência dos alunos, e 25% responderam que melhorou. Essa percepção da melhora da atual relação de convivência dos alunos nos leva a crer que a aplicação do korfebol promoveu uma mudança positiva na convivência dos mesmos. Um dos pontos positivos da prática do esporte é favorecer a interação entre os participantes, assim refletindo no convívio diário. Houve unanimidade em responder que as brigas e discussões diminuíram consideravelmente em sala de aula. Os resultados foram iguais sobre a melhoria na relação entre os gêneros. Segundo 87% dos pesquisados, está mais fácil trabalhar assuntos relacionados a gênero em sala de aula após a prática do korfebol.

Implantar o korfebol na escola mostrou a importância de fazer uso das diversas dimensões que a educação física apresenta para trabalhar e melhorar a qualidade de vida, qualidade de convívio social e aperfeiçoamento individual. Todos os benefícios oferecidos pela prática de atividades físicas e neste caso no esporte coletivo são apresentados no korfebol, que é um esporte onde a cooperação é fator fundamental para a integração entre os gêneros, o individualismo ficará para segundo plano compartilhando o espírito de união e quebrando paradigmas ainda existentes em nossa sociedade, ao mesmo tempo, contribuindo para a popularização desse desporto no Brasil.

E por fim como vimos através da aplicação dos questionários e também na proposta de criação do korfebol, a capacidade de integração entre os gêneros, de desenvolver companheirismo, inclusão dos menos habilidosos, de promover satisfação e bem-estar para os seus praticantes, de diminuir a agressividade, de manter a competitividade, porém num clima de cooperação contínua, preenche uma lacuna nos conteúdos da educação física onde homens e mulheres usualmente não têm preferências em comum e muitas vezes causam desinteresse em qualquer esporte coletivo.

Finalizo como sugestão que sejam feitos mais estudos na área da convivência entre alunos em idade escolar, devido ao seu grau de importância e por acreditar que por meio da escola e da educação podemos transformar a sociedade, formando cidadãos livres de preconceitos, éticos e mais preocupados com o próximo.

6. REFERÊNCIAS

ALLTMAN, Helena. “**Rompendo fronteiras de gênero**; Marias (e) homens na educação física”. Dissertação de mestrado em educação. Belo Horizonte: UFMG, 1998, 111p.

ARANTES, V & HAERTEL, B. **Gênero, ética e sentimentos**: A resolução de conflitos no campo da educação. São Paulo, 2007. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Etica/16_arantes.pdf>. Acesso em 21 nov. 2011.

ARROYO, Miguel G. “Prefácio”. In: DAYRELL, Juarez (org.). Múltiplos olhares

ASSMANN, Hugo. **Reencantar a educação: rumo à sociedade aprendente**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

BARRETO, Sidirley de Jesus e ZOBOLI, Fábio. Educação Física: conhecimento e saber escolar. In: HERMIDA, Jorge Fernando (org.) **Da psicomotricidade à educação motora: aspectos psicopedagógicos do jogo**. João Pessoa: Universitária da UFPB, 2009.

BELOTTI, Elena Gianini. **Educar para a submissão**. Petrópolis: Vozes, 1975.

BENJAMIN, Walter. **Reflexões**: a criança, o brinquedo a educação. São Paulo: Summus, 1984.

BOGDAN, Robert C.; BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação Qualitativa em Educação**: Uma Introdução à Teoria e aos Métodos. 1ª Porto: Porto Editora, 1994. 22 p. (Coleção Ciências da Educação).

Brancalhone, P. G. **Crianças expostas à violência conjugal**: Uma revisão de área. Em M. C. Marquezine, M. A. Almeida, S. Omote & E. D. O. Tanaka (Orgs.), O papel da família junto ao portador de necessidades especiais (pp.123-130). Londrina: Eduel. 2003

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: Educação Física. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BUBER, Martin (1979) - **EU E TU**, São Paulo, Cortez & Moraes.

CAMINHA, I. de O. (2007). **Desejo e lei: a escola como espaço de convivência**. Em P.N. Gomes & I. de O. Caminha (Orgs.), *Aprender a conviver: um enigma para a educação* (pp. 165-179). João Pessoa: Ed. Universitária/ UFPB.

CAMINHA, R.M (1999). **A violência e seus danos à criança e ao adolescente**. Em Amencar (org). *Violência doméstica*, (pp. 43-60) São Leopoldo: Amencar.

CANIVEZ Patrice. **Educar o cidadão? Ensaio e textos**. Campinas: Papyrus, 1991

CAVALLARI, V.R. e ZACHARIAS, V. **Trabalhando com recreação**. 7 ed. São Paulo: ícone, 2004.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do Ensino da Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1998. (Coleção Magistério 2º grau. Série formação do professor.).

DANI, Lúcia Salete Celich. **Os conflitos e sentimentos presentes na relação pedagógica** e seus entrelaçamentos na construção da personalidade moral. Projeto do Programa de Licenciaturas/UFSM, 2004.

DAOLIO, J. (1995). **Da cultura do corpo**. Campinas, SP: Papyrus.

DELORS, Jacques et all. **Educação um tesouro a descobrir**; Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre educação para o século XXI, 4. Ed. SP: Corete; Brasília, DF: MEC/UNESCO, 2000.

DOLZ, J. & SCHNEUWLY, B. **Genres et progression en expression orale et écrite**. *Éléments de réflexions a propos d'une expérience romande*. Enjeux nº 37/38. pp 49-75. 1997.

DORNELES, P.G. **'Distintos destinos'**: problematizando as questões de gênero nas aulas separadas entre meninos e meninas na educação física escolar. Anais do VII Seminário Fazendo Gênero. Rio Grande do Sul, PPEdu/ UFRGS, 2006.

ESCOBAR, Micheli Ortega e TAFFAREL, Celi Zulke. **A cultura corporal** In: HERMIDA, Jorge Fernando Hermida (org.) **Educação Física: conhecimento e saber escolar** João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2009.

ESTEVÃO, C. V. (2008). **Educação, conflito e convivência democrática. Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, 16(61), 503-513.

FREIRE, J. B. **Educação de Corpo Inteiro**. São Paulo: Scipione, 1989

_____, João Batista. **O jogo: entre o risco e o choro**. Campinas: Autores Associados, 2002.

FREUD, S. **O mal-estar na civilização**. v. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

_____, Sigmund. **Algumas reflexões sobre a psicologia do escolar**. In: ESB, Rio de Janeiro, Imago, 1976, v...XIII.

GALLARDO, Gómez; VALENZUELA, Malu. Uma alternativa se equidade de gênero na pré-escola, Cadernos Sempreviva Organização Feminista – SOF, gênero e educação. Faria, Nalu; NOBRE, Mirian; AUAD, Daniela; CARVALHO, Marília (orgs.) São Paulo: SOF . 1999. p. 40-55

GOERGEN, P. (2007). **Educação moral hoje: cenários, perspectivas e perplexidades. Educação e Sociedade**, 28(100), 737-762.

GOMES DA SILVA, Pierre Normando. **O jogo da cultura e a cultura do jogo: por uma semiótica da corporeidade**, 2003. 350 fl. Tese (Doutorado em educação) – Centro de Ciências Sociais e Aplicadas Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2003.

GRANJA, C., RAMOS, J., FERRO, N. Corfebol – Uma introdução à modalidade. Lisboa, Portugal: Eupraxis, 1997

HUIZINGA, J. *Homo Ludens*. São Paulo: Perspectiva, 1996

INTERNATIONAL KORFBALL FEDERATION. **The Rules of korfball**. Disponível em <www.korfball.org>. Acesso em 23 de maio. 2011

KUNZ, Maria do Carmo Saraiva. **“Quando a diferença é mito: Uma análise da socialização específica para os sexos sob o ponto de vista do esporte e da**

educação física”. Dissertação de mestrado em educação. Florianópolis: UFSC, 1993, 167pp.

LOURO, Guacira Lopes. “Uma Leitura da história da educação sob a perspectiva de gênero”. Teoria e Educação, nº6, Porto Alegre, 1992, PP.53-67.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, Sexualidade e Educação**: uma perspectiva pós estruturalista. Petrópolis: Editora Vozes, 1997.

MACEDO, Lino. **Ensaio pedagógico**: como construir uma escola para todos? Porto Alegre: Atrmed, 2005.

MCCLOSKEY, L, A .Figueiredo, A. J. & Koss, M. P. (1995). The effects of sytemic family violence on children’s mental health. Child Development, 66, 1239-1261. modalidade. Lisboa, Portugal: Eupraxis, 1995.

MONTENEGRO, T. (2005). **Educação infantil: a dimensão moral da função de cuidar**. Psicologia da educação, 20, 77-101.

OLIVEIRA, Flávia Fernandes. Relação de gênero nas aulas de educação física: Discriminação e/ou preconceito. *In*: VIII ENCONTRO FLUMINENSE DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR, 2004, Niterói-RJ. **Anais...** Niterói-RJ: Universidade Federal Fluminense, 2004

PERRENOUD, P. **De l’école active á l’école interactive**. In: C.R.E.S.A.S. On n’apprend pás tout seul; interactions sociais et construction des saviors. Paris, ESF, 1987.

POOVEY, Mary. “**Feminism and deconstruction**”. Feminist Studies, v. 14,no 1, 1988, pp. 51-65.

REVISTA VEJA, São Paulo: ED. Abril, n. 22, maio 1996.

RIOS, Terezinha Azevêdo. **Ética e competência**. 4ª Ed. São Paulo: Cortez, 1995.

ROSSETO, E.**A educação à luz do pensamento de Maturana**. Revista Educação Especial, 32. 2008.

SASTRE, G. & MORENO, M. **Resolução de Conflitos e Aprendizagem Emocional** - Gênero e Transversalidade. Tradução: Ana Venite Fuzatol. - São Paulo: Moderna, 2002.

SASTRE, G.; MORENO, M. **Resolução de conflitos e aprendizagem emocional: gênero e transversalidade**. São Paulo: Moderna, 2002.

SOUZA, J. F. Educação Popular Enquanto uma Pedagogia, Movimentos Sociais Populares Lócus Educativo. In: ALMEIDA, M. L. P., JEZINE, E. (Orgs.). **Educação e movimentos sociais: novos olhares**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2007, p. 123-153.

SOUZA, Vanessa Karla Mota de. **Individualismo e cultura**. CAOS - Revista Eletrônica de Ciências Sociais, João Pessoa, n.9, p.61-73, set. 2005.

VIANNA, Claudia & Ridenti, Sandra. (1998). **Relações de gênero e escola: das diferenças ao preconceito**. Em Aquino, Julio. *Diferenças e preconceitos na escola: alternativas teóricas e práticas* (pp. 93- 106). São Paulo: Summua

YOZO, R.Y.K. (1996). **100 jogos para grupos; uma abordagem psicodramática para empresas, escolas e clínicas**. São Paulo: Agora

APÊNDICES

APÊNDICE A

TERMO DE CONSENTIMENTO E LIVRE ESCLARECIDO

Título do Projeto: Aprender a conviver através da prática do Korfebol

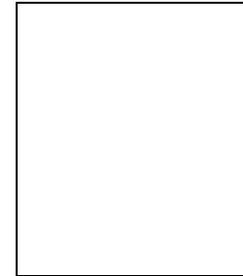
O presente estudo tem como objetivo analisar a melhoria na convivência entre crianças em idade escolar através da prática do esporte Korfebol. O esporte é praticado na quadra e tem as mesmas características do basquetebol, porém com a participação de ambos os sexos na composição das equipes, formadas por oito participantes cada time. Para coleta de dados utilizaremos dois questionários estruturados, um com perguntas fechadas, onde o participante terá liberdade para responder sobre como é a atual relação de convivência com os colegas em sala de aula, e outro questionário com perguntas abertas simples onde o participante irá descrever o que achou do jogo e como foi essa experiência. O participante **pode desistir a qualquer momento** e isso não lhe trará nenhum prejuízo. Como benefícios da pesquisa o participante irá aprender um esporte novo no país e muito promissor. A pesquisa não trará nenhum dano ou malefício ao participante, de acordo com a resolução 196/96. Por se tratar de jovens que já praticam aulas de educação física regularmente na escola, a prática do esporte é de grande valia e beneficiará cada vez mais a exercício de novos esportes na escola. Nós lhe **garantimos** anonimato das respostas, utilizando as apenas para a pesquisa acadêmica.

Eu, _____, após ter lido e entendido as informações e esclarecido todas as minhas dúvidas referentes a este estudo com ROMÁRIO LEITE DE SOUSA, **CONCORDO VOLUNTARIAMENTE**, que meu filho participe da pesquisa.

Assinatura (pesquisador)

Assinatura (responsável)

Data: ____/____/____



Espaço para dactiloscópica

Eu, ROMÁRIO LEITE DE SOUSA declaro que forneci todas as informações referentes ao estudo ao sujeito da pesquisa. Para contato: Rua Nurlisman de Andrade Carneiro, 139, Ed. Marta Maia – Apto 302 – Jardim Cidade Universitária – João Pessoa – PB. Telef. 83 87808207

Contato do Comitê: Centro de Ciências da Saúde – Cidade Universitária – Campus I Bloco Arnaldo Tavares – Sala 812 – CEP 58051-900 – João Pessoa – PB Telefone (83) 3216 7791.

APENDICE B

TERMO DE CONSENTIMENTO E LIVRE ESCLARECIDO

Título do Projeto: Aprender a conviver através da prática do Korfebol

O presente estudo tem como objetivo analisar a melhoria na convivência entre crianças em idade escolar através da prática do esporte Korfebol. O esporte é praticado na quadra e tem as mesmas características do basquetebol, porém com a participação de ambos os sexos na composição das equipes, formadas por oito participantes cada time. Para coleta de dados utilizaremos dois questionários estruturados, com perguntas fechadas e abertas, onde o participante terá liberdade para responder sobre como é a atual relação de convivência dos alunos em sala de aula, o comportamento dos mesmos quando realizam atividades em grupos mistos, bem como se houve uma melhora na convivência dos alunos após a prática do korfebol. O participante **pode desistir a qualquer momento** e isso não lhe trará nenhum prejuízo. Como benefícios da pesquisa o participante irá ajudar no estudo sobre esse esporte novo e promissor no Brasil. A pesquisa não trará nenhum dano ou malefício ao participante, de acordo com a resolução 196/96. Por se tratar de jovens que já praticam aulas de educação física regularmente na escola, a prática do esporte é de grande valia e beneficiará cada vez mais a exercício de novos esportes na escola. Nós lhe **garantimos** anonimato das respostas, utilizando as apenas para a pesquisa acadêmica.

Assinatura (pesquisador)

Assinatura (pesquisado)

Data: ____/____/____

Eu, ROMÁRIO LEITE DE SOUSA declaro que forneci todas as informações referentes ao estudo ao sujeito da pesquisa. Para contato: Rua Nursman de Andrade Carneiro, 139, Ed. Marta Maia – Apto 302 – Jardim Cidade Universitária – João Pessoa – PB. Telef. 83 87808207

Contato do Comitê: Centro de Ciências da Saúde – Cidade Universitária – Campus I Bloco Arnaldo Tavares – Sala 812 – CEP 58051-900 – João Pessoa – PB Telefone (83) 3216 7791.

APÊNDICE C

QUESTIONÁRIO 1:*APRENDER A CONVIVER ATRAVÉS DA PRÁTICA DO KORFEBOL*

Entrevistado n°: _____

Data de nascimento: ___/___/___ Idade: _____

Sexo: () Masculino () Feminino

1 – Na sua turma existe companheirismo entre homens e mulheres, ou seja, os colegas do sexo diferente lhe ajudam nas aulas?

- a) Existe
- b) Não Existe
- c) Existe pouco

2 - Você gosta das aulas de Educação Física?

- a) Gosto
- b) Não Gosto
- c) Gosto pouco

Justifique a resposta:

Por que ? _____

3 – Você faz atividades na sala de aula com colegas de sexo diferente?

- a) Sim ()
- b) Não ()
- c) Pouco ()

4 - Para você qual o principal motivo que separa meninos e meninas em jogos coletivos na educação física?

- a) Falta de habilidade das (os) meninas (os)
- b) Falta de respeito durante o jogo
- c) Desinteresse das (os) meninas (os) em jogar

5 - Existe problema de agressividade em sua turma?

- a) Sim, bastante
- b) Sim, um pouco
- c) Não existe

6 – Você confia em seus colegas de sexo diferente?

- a) Sim
- b) Não
- c) Pouco

7- Em sua opinião, homens e mulheres podem fazer algum esporte juntos?

- a) Não, existe esporte pra homem e esporte pra mulher
- b) Sim, os esportes podem ser praticados pelos dois sexos
- c) Não tenho certeza

8 - Nas aulas de Educação Física o que você acha de jogar junto com os(as) meninos(as)?

- a) Bom
- b) Ruim
- c) Não faz diferença

9 - Você gostaria de conhecer um esporte em que homens e mulheres jogam juntos no mesmo time?

- a) Seria interessante
- b) Não gostaria
- c) Sim gostaria

APÊNDICE D

Questionário 2**Entrevistado n°:** _____**Data de nascimento:** ___/___/___ **Idade:** _____**Sexo:** () Masculino () Feminino

1. Você gostou de jogar korfebol? Justifique:
2. No começo o que você achou do jogo?
3. O que você mais gostou no jogo?
4. O que foi mais difícil de aprender?
5. O que os(as) meninos(as) acharam de jogar no mesmo time com as (os) meninas(as) e contra elas(eles)?
6. O que vocês acharam de jogarem no mesmo time meninos e meninas? Como foi essa experiência para vocês?
7. Tem alguma coisa que vocês não gostaram no jogo e que gostariam de mudar?
8. Vocês querem continuar jogando korfebol? Por que?
9. Qual a diferença que vocês acharam entre o korfebol e os demais esportes que vocês praticam?
10. Qual esporte que mais se assemelha ao korfebol?

APÊNDICE E

Questionário 3: Aplicação com Professores

Entrevistado n°: _____

Data de nascimento: ___/___/___ Idade: _____

Sexo: () Masculino () Feminino

Nome: _____

1. Como é a relação de convivência entre os alunos na sala de aula?

Ótima

- a) Boa
- b) Conflituosa
- c) Ruim
- d) Péssima

2. Você trabalha assuntos relacionados a gênero em sala de aula?

- a) Sim
- b) Não

3. Existem situações de brigas e discussões entre os alunos?

- a) Constantemente
- b) As vezes
- c) Raramente

4. Como os meninos se comportam quando realizam atividades em conjunto com as meninas?

5. Como as meninas se comportam quando realizam atividades em conjunto com os meninos?

6. Em trabalhos de grupo, você seleciona meninos e meninas em grupos separados, ou procura sempre organizar de forma em que ambos trabalhem juntos?

7. Qual o principal motivo das confusões em sala de aula? Quem são os maiores envolvidos?

8. Qual o principal problema existente no que diz respeito as relações entre os alunos em sala de aula?

APÊNDICE F

Questionário 4: Aplicação com Professores**Entrevistado n°:** _____**Data de nascimento:** ___/___/___ **Idade:** _____**Sexo:** () Masculino () Feminino

Nome: _____

1. A atual relação de convivência dos alunos como está?

- a) Ótima
- b) Melhorou bastante
- c) Melhorou
- d) Não mudou nada

2. As situações de brigas e discussões entre os alunos diminuíram?

- a) Sim
- b) Não

3. Como está a relação dos meninos com as meninas?

- a) Melhorou consideravelmente
- b) Boa
- C) Não mudou nada

4. Como está a relação das meninas com os meninos?

- a) Melhorou consideravelmente
- b) Boa
- C) Não mudou nada

5. As atividades em sala de aula quando feitas em grupos mistos de meninos e meninas como estão?

6. Está mais fácil realizar atividades que trabalhem aspectos referentes a gênero em sala de aula?

- a) Sim
- b) Não

7. Como está a convivência dos alunos em sala de aula?

Justifique:

8. De maneira geral você percebeu alguma melhora na aprendizagem da convivência dos alunos? Justifique a resposta:

ANEXOS